



MUSEU DAS
CULTURAS
INDÍGENAS

RELATÓRIO DE
ATIVIDADES

2023



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	03
CONVERSA COM CONSELHEIROS	04
DESTAQUES DO ANO	06
1 / A CASA DA TRANSFORMAÇÃO	08
2 / SABERES	20
3 / COLHEITA	34
FICHA TÉCNICA	41





APRESENTAÇÃO

No Brasil, a população indígena é de cerca de 1,7 milhão de pessoas, segundo o Censo 2022^[1]. São 305 etnias e 274 línguas faladas. No estado de São Paulo, vivem 55.295 indígenas, que circulam pela região antes mesmo de se tornar um grande polo econômico. É uma população que perpetua seus saberes e tem papel fundamental na história do território de São Paulo e do Brasil, porque, acima de tudo, trata-se de Terra Indígena.

Estão presentes historicamente no território paulista os povos indígenas Guarani Mbya, Guarani Nhandeva, Tupi-Guarani, Tupi, Kaingang, Krenak, Terena, que ocupam as regiões do Litoral Norte, Litoral sul, Oeste Paulista, Vale do Ribeira e região metropolitana de São Paulo.

O estado de São Paulo tem, hoje, 38 terras indígenas, em diferentes fases de demarcação. Apenas 13 delas estão homologadas e a sua maioria segue em fase de identificação, declaração ou regularização.

Também é importante considerar as migrações de famílias de diferentes etnias indígenas, principalmente dos estados do Nordeste, para

a cidade de São Paulo, a partir da década de 40, em busca de melhores condições de vida. Entre elas, estavam os povos Atikun (PE), Fulni-ô (PE), Kaimbé (BA), Kapinawá (PE), Karajá (TO), Kariri-Xokó (PE), Pankararé (BA), Pankararu (PE), Potiguara (PE, RN, CE, PB), Tupinambá (BA), Xavante (MT) e Xucuru (PE).

Nesta publicação, o Museu das Culturas Indígenas se apresenta como um espaço de encontro, trocas e difusão das culturas e conhecimentos entre os diferentes povos que chegaram e aqui permanecem, na intenção de comunicar narrativas em comum e aproximar o público das realidades indígenas, a partir de suas diferentes perspectivas sobre o mundo.

Por meio de sua equipe intercultural, tem um importante papel educativo e transformador

na sociedade, pois fomenta a consciência antirracista e decolonial da realidade, indicando outras referências históricas, a partir da memória, da cultura e identidade dos povos indígenas do território paulista e nacional.

O Museu encerrou o ano de 2023 com exposições realizadas com curadoria indígena, nas quais foram compartilhados conhecimentos ancestrais: a forma de se comunicar e usar as palavras, o cuidado com as relações humanas e não humanas, a percepção sobre o tempo e as mudanças climáticas, assim como os sonhos para uma realidade que se almeja. As exposições reforçaram a compreensão acerca dos desafios do mundo contemporâneo e como estes podem

ser resolvidos a partir dos ensinamentos indígenas e suas contribuições.

Este relatório é dividido em três capítulos que ajudam a compreender a jornada do Museu das Culturas Indígenas: 1- TAVA: Casa da Transformação; 2- Saberes; e 3- Colheita. Neles, apresentamos o Museu, como uma conquista recente do movimento indígena e aliados, e a Gestão Compartilhada, como uma inovação no campo museal, que dá vida e sentido ao Museu das Culturas Indígenas. Apresentamos as exposições realizadas e seus significados, além dos frutos colhidos ao longo do ano de 2023.

Desejamos a todos e todas uma ótima leitura!

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA

No Brasil, a população indígena compreende:

1,7 milhão
de pessoas

305 etnias

274 línguas faladas



Arte: Rita Huni Kui

[1] Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)



CONVERSA COM CONSELHEIROS

Para fins editoriais, o texto a seguir busca condensar posicionamentos obtidos a partir de entrevistas e outros momentos de troca com conselheiros e conselheira do Conselho Indígena Aty Mirim e com o Instituto Maracá, membros da gestão compartilhada do Museu. O conteúdo não representa a pluralidade de ideias e pensamentos expressos pelos conselheiros do Museu e não pretende universalizar as vivências das entidades que eles representam.

Nossas visões e lembranças ancestrais sempre permitiram acesso a ideias e saberes e, com sensibilidade, partilhamos conhecimentos e valores às gerações futuras, a partir de uma profunda conexão e harmonia com o território e seus recursos, com seres visíveis e invisíveis.

Nossos conhecimentos partem da ideia de que todos os seres vivos são interdependentes e merecem respeito. A Mãe-Terra não é apenas um recurso a ser explorado, e sim um ser vivo que merece respeito e cuidado. É um vínculo sagrado que faz parte de nossas identidades e é essencial para a vida.

O Brasil é terra indígena. São anos de apagamento, mas nossas sabedorias e

memórias são fundamentais para a história do povo brasileiro. As culturas indígenas conservam o papel da comunidade e dos anciãos, assim como manifestam a consciência ancestral, histórica, religiosa e social. A diversidade de visões de mundo e dos modos de organização da vida são transmitidos de geração para geração.

Nossos saberes são essenciais para o mundo contemporâneo e ajudam a solucionar questões alarmantes e extremas. A crise climática, por exemplo, causada pela ação do homem no meio ambiente, tem conduzido a humanidade a buscar pesquisas científicas para amenizá-la. Neste contexto, nossos conhecimentos, enterrados pela cultura colonizadora, mostram que somos forças indispensáveis nos esforços de conservação e sustentabilidade.

Valorizar práticas de comunidades indígenas e tradicionais em todo o mundo não

auxilia apenas na conservação de patrimônios culturais. É uma forma de perpetuar entendimentos ancestrais, mas que não ultrapassam as barreiras da educação formal impostas pela história colonizadora. Por muitos anos, nossas interpretações foram negadas e apagadas.



APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



O Museu das Culturas Indígenas é uma conquista dos povos indígenas, onde a memória da ancestralidade é difundida e permite acesso a ideias, filosofias, arte e histórias, reconhecendo e reforçando a presença de povos indígenas na história do Brasil. É um espaço de resistência.

É um local vivo, em construção, de aprendizagem e acolhimento, no qual o passado, o presente e o futuro se conectam. O Museu é aquilo que nós somos, praticamos e compartilhamos. São nossos sonhos e desejos, nossas conquistas e lutas, plantados

e colhidos na intenção de mostrar quem somos, onde vivemos e como podemos solucionar os grandes problemas da humanidade.

Buscamos compartilhar com parentes de outros países e com a população não indígena. Muitas vezes, nos fechamos em nosso próprio universo, para evitar episódios de questionamentos motivados pelo preconceito. Nosso mundo é muito restrito, com tradições íntimas e espirituais, que não são compreendidas ou são alvo de comentários de ódio por pessoas não indígenas.

No entanto, isso não significa que não podemos contribuir para a reconstrução de um mundo

mais sustentável. O contato é nosso ponto de partida e, a partir de muita sensibilidade e conexão com a natureza, compartilhamos tradições, crenças, mediações e interpretações. O Museu das Culturas Indígenas promove segurança e pluralidade, abordando os grandes desafios do mundo contemporâneo junto aos grandes ensinamentos indígenas.

Cada apresentação, exposição e oficina carrega saberes e valores e transmite mensagens específicas. A valorização e o reconhecimento das atividades asseguram a compreensão do nosso valor para a humanidade. Sem nossos saberes, conhecimentos e reflexões não existe perspectiva de futuro.

No Museu, tudo é contado por múltiplas vozes, com um olhar para a ancestralidade, para o meio ambiente e para o espaço urbano. Com pouco mais de um ano de existência, a atuação do Museu já apresenta resultados, em diversas dimensões, como na contribuição para a educação, na visibilidade da cultura dos povos indígenas e na presença deles no estado de São Paulo e no território brasileiro.

Luis Karaí, Márcio Boggarim e Maria Ara Poty
Membros do Conselho

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



DESTAQUES DO ANO



Em 2023, o Museu das Culturas Indígenas recebeu

28.018 visitantes

21.714 ingressos

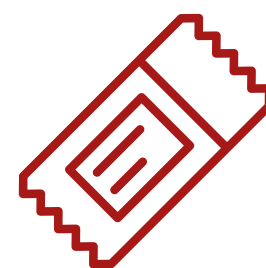
foram gerados por gratuidade e 6.304 ingressos foram vendidos.

16.920 visitantes

classificados como público espontâneo.



Crédito: Fábio Alt



8.432 ingressos

gerados por gratuidade destinados às escolas públicas e

1.414 ingressos

vendidos para escolas particulares.



629 educadores

atendidos nos Encontros de Educadores.



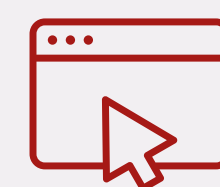
Durante o ano, aconteceram

50 rodas de conversas

Com a participação de

1.346 pessoas,

sendo que 905 de forma presencial e 441 de forma *online*.



O site do MCI totalizou

49.992 acessos

em 2023. Ele ganhou uma **versão atualizada**, nesse ano, seguindo as diretrizes do Plano de Comunicação Institucional e respeitando as orientações do Sistema de Comunicação da Cultura.



No Facebook, a página do Museu alcançou uma audiência de 4.728 fãs e impactou

1.008.524 pessoas

No TikTok, a conta do Museu fechou o ano com

2.686 seguidores

No Instagram, o trabalho de marketing digital é focado em conteúdos de programação, atividades em geral, curiosidades, vídeos e ações diferenciadas do Museu. Também, esporadicamente, são realizadas *lives* pelo perfil.

Em 2023, houve um aumento de 19.606 seguidores, fechando o ano com:

30.475 seguidores

+de 230 publicações
+de 92 mil curtidas
+de 1.500 comentários

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



DESTAQUES DO ANO

NA MÍDIA

No total foram

2.800 inserções

na mídia durante o ano de 2023.



Total na TV: **19**

Total na impressa: **15**

Total na rádio: **19**

Total na internet: **2.747**

65 press releases produzidos

No primeiro quadrimestre, o Museu contou com **772 inserções na mídia**, com assuntos voltados para a programação do **Abril Indígena**, as ações de formação em temáticas indígenas, as **exposições em cartaz** e a presença do Museu das Culturas Indígenas nos roteiros culturais da cidade:

Veículos como portais de notícias divulgaram diversos temas relacionados ao Museu das Culturas Indígenas e sua programação. Entre eles, a **Agência Brasil** fez uma reportagem sobre a **formação de educadores** em temas indígenas



promovida pelo MCI. Já a **Veja São Paulo** escreveu sobre a programação do Museu no Dia dos Povos Indígenas. O veículo segmentado **SeLecT** falou sobre as exposições em cartaz, com o título SP TERRA INDÍGENA.

Outros veículos segmentados como **Ciclo Vivo**, **Observatório Eco**, **Arte que Acontece**, **Arte Ref.**, **DasArtes** e **Casa Vogue** também evidenciaram as exposições em cartaz e as **atividades** promovidas pelo MCI. Além dos programas **Antena Paulista** (TV Globo), **Boas Práticas Escolares** e **Estação Livre** (TV Cultura) que exibiram edições dedicadas ao Museu e os telejornais **Bom Dia São Paulo**, **SPTV 1ª edição** e **Agência RT** (Rússia) fizeram reportagens sobre a programação do Abril Indígena.

No segundo quadrimestre de 2023, o **Museu das Culturas Indígenas** contou com **933 inserções na mídia**, a partir de reportagens sobre a programação do Agosto Indígena, as ações de formação em temáticas indígenas, as exposições em cartaz e a presença do Museu das Culturas Indígenas nos roteiros culturais da cidade:

A **Folha de S. Paulo** fez uma reportagem sobre os pontos turísticos da cidade e sugeriu o MCI como local de destaque para visitação. O **Portal Orbi** destacou a **programação de férias** do MCI como possibilidade para crianças.

O canal **TV Brasil** veiculou uma reportagem sobre o curso de **arbitragem de futebol**, voltado para indígenas, promovido pelo Museu. Já os telejornais **Bom Dia São Paulo** e **SP1** (TV Globo), **Jornal da Tarde** (TV Cultura) e **Jornal da Gazeta** (TV Gazeta) fizeram reportagens sobre as **programações** do Museu.



No terceiro quadrimestre de 2023, o **Museu das Culturas Indígenas** contou com **1.094 inserções na mídia**. A exibição do manto Tupinambá, o Dia das Crianças, a participação na Virada Inclusiva e a nova **exposição Hendu Porã'rá** foram amplamente divulgadas na imprensa, além da constante presença do MCI nos roteiros culturais da cidade:

O programa **CNN Prime Time** (CNN) entrevistou o porta-voz do Museu sobre a participação indígena na COP28. Já os telejornais **SP1** (TV Globo) e **Jornal da Tarde** (TV Cultura) fizeram reportagens sobre as programações do Museu. A **TV Globo** apresentou uma reportagem sobre a participação do MCI na Virada Inclusiva 2023.

A **Agência Brasil** fez uma reportagem sobre a exibição do manto Tupinambá e a **Brasil de Fato** falou sobre a programação de setembro, dedicada à defesa dos direitos. Já o **G1** citou a programação do Dia das Crianças em seu roteiro cultural. **Um Só Planeta** retratou, em uma reportagem, a estreia da exposição Hendu Porã'rá.

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



1 / A CASA DA TRANSFORMAÇÃO

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

**1 / A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO**

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



TAVA: CASA DA TRANSFORMAÇÃO

O Museu das Culturas Indígenas (MCI) é um lugar de encontro, onde diferentes povos apresentam suas identidades, suas expressões e manifestações e honram suas diferenças. A partir de sua programação, exposições, pesquisas e ações educativas, o Museu propõe ao público enxergar a realidade e a história do Brasil e do mundo a partir das perspectivas indígenas.

O Museu foi nomeado, carinhosamente, como TAVA, que em língua Guarani significa Casa de Transformação. A intenção é que o visitante, ao se abrir para a experiência proposta, transforme sua percepção sobre si, sobre os povos indígenas e sobre a própria realidade.

A TAVA representa uma conquista histórica, na qual os povos indígenas garantem um lugar de fala e acolhimento, em que suas narrativas e perspectivas históricas são contempladas e difundidas. Assim, o Museu das Culturas Indígenas se firma como uma instituição que prioriza as pessoas, suas histórias e saberes na relação de mediação com a contemporaneidade.

Como um espaço de conexão entre o passado, presente e o futuro, o MCI aprimora mecanismos para lembrar, articular e difundir saberes, técnicas e valores pouco conhecidos pela sociedade atual, mas usuais para os povos indígenas.



Arte: Tamikuã Txihí

TAVA se diz casa de transformações. Por que a casa de transformações? Porque à medida que a gente entra nesse lugar, a gente pensa, a gente busca as informações e a partir do momento que você busca informações e você se alimenta das informações, através disso você sai do outro lado já com uma leveza da consciência, a leveza espiritual. Você conseguiu se curar, você conseguiu encontrar um caminho que é muito mais saudável, de que forma que são passadas as mensagens. Então eu acredito que a TAVA é um bom nome porque se trata de uma consciência transformada. Acho que TAVA seria isso, para a concepção de hoje do que chamamos simplesmente museu. TAVA, a Casa de Transformação.”

Carlos Papá Mirim, Sócio Fundador do Instituto Maracá

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

**1 / A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO**

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



A CRIAÇÃO DO MUSEU

A criação do Museu das Culturas Indígenas, projeto idealizado pelo Instituto Maracá, começou a partir da mobilização indígena pelo direito ao território e à educação diferenciada. Um processo de lutas históricas, que se aliou à projeção das artes indígenas no contexto artístico-cultural de São Paulo, a partir dos anos 2010.

Ao longo dessa jornada, no segundo semestre de 2021, lideranças indígenas, gestores públicos e representantes do Instituto Maracá apresentaram uma proposta de estruturação de uma unidade museológica estadual que contaria, desde o seu início, com o protagonismo dos povos indígenas por meio do Conselho Indígena Aty Mirim.

O Museu nasce com o intuito de promover e difundir saberes e conhecimentos indígenas, relacionados às artes, histórias e expressões culturais, além de contribuir para o desenvolvimento de uma museologia construída sob a ótica indígena e abordar equívocos coloniais, desconstruindo preconceitos sobre as diferentes culturas, línguas, artes e saberes dos povos originários.

Inaugurado em junho de 2022, o MCI é uma instituição do Governo do Estado de São Paulo, administrada pela Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado, pela ACAM Portinari e pelo Instituto Maracá. Por meio da arte e da cultura, o Museu das Culturas Indígenas demarca a presença indígena na paisagem cultural do estado de São Paulo e do Brasil.

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

**1 / A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO**

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA





MISSÃO

O Museu das Culturas Indígenas tem a missão de construir, de forma coletiva e intercultural, linhas de pesquisa para a criação de um acervo do patrimônio material e imaterial de povos originários do Brasil. Incluindo arte contemporânea, também desenvolve e aprofunda linhas de pesquisa de interesse dos povos indígenas, e para apreciação, entretenimento, educação, reflexão e conhecimento, do público em geral, contribuindo para a proteção dos direitos e qualidade de vida de povos indígenas e para a sustentabilidade nas relações entre indivíduos, grupos, sociedade e natureza.

VISÃO

O Museu das Culturas Indígenas busca o apoio de visitantes, apoiadores e sociedade em geral para realizar atividades sobre o patrimônio indígena e, assim, promover a compreensão de experiências passadas, de situações presentes e de estratégias para o futuro de povos originários do Brasil, visando ao bem-estar social e à defesa de direitos. Projeta assegurar o protagonismo indígena nas atividades de museu, aprofundar estudos patrimoniais, prover vivências culturais significativas para pessoas indígenas e não indígenas e ter eficiência nas suas ações com sensibilidade socioeconômica.

VALORES

- » Respeito pela vida e pelas pessoas sem discriminação.
- » Reconhecimento dos direitos e da autonomia de povos originários.
- » Construção de experiências culturais transformadoras.
- » Atuação no desenvolvimento sustentável local e global considerando a sustentabilidade ambiental, social, cultural e econômica.
- » Realização de finalidades de museu com qualidade, significando avaliação positiva de excelência nas ações, no acolhimento e na precisão de informações.
- » Aplicação de ética, economicidade e transparência no emprego de recursos públicos e privados para garantir a viabilidade do Museu no presente e no futuro.

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



GESTÃO COMPARTILHADA

O Museu das Culturas Indígenas (MCI), instituição do Governo do Estado de São Paulo, administrada pela Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Governo do Estado de São Paulo, em parceria com a ACAM Portinari e o Instituto Maracá, desenvolve uma proposta inovadora de gestão compartilhada com protagonismo do Conselho Indígena Aty Mirim, composto por lideranças de diversos povos indígenas do estado de São Paulo.

A proposta é um formato em construção, voltado para o fortalecimento do protagonismo indígena. É uma iniciativa inovadora que coloca em destaque visões e interesses distintos e plurais.

A Gestão Compartilhada abrange os diferentes níveis de governança do MCI, envolvendo as relações entre as equipes, Mestres de Saberes, comissões curatoriais indígenas, Conselho Aty Mirim, coordenadores, gerência e direção, além da própria Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo (SECEIC). Desta forma, permite que a agenda do MCI traga diferentes vozes, promovendo a produção artística de diversas etnias e

criando espaços para o diálogo de questões contemporâneas pertinentes à preservação da cultura e memória dos povos indígenas. Também contribui para a construção de políticas públicas participativas na área de cultura.

PROGRAMA DE GESTÃO MUSEOLÓGICA

Trata da coordenação e administração do Museu para que realize suas finalidades, atividades e missão por meio de Planos de Trabalho Anuais, pactuados entre a Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico – UPPM, com dotação orçamentária, medidas de acompanhamento e de avaliação de desempenho preestabelecidas. Compreende planejamento, administração de pessoas, de recursos materiais, tecnológicos e financeiros, cumprimento de requisitos legais, controle de qualidade das ações do Museu, busca de financiamento para atividades, promoção da instituição na sociedade, articulação com o público e outras entidades e implementação de acessibilidade e de sustentabilidade.



ACAM PORTINARI

Fundada em 1996, a Organização Social de Cultura (ACAM Portinari) administra quatro equipamentos culturais pertencentes ao Governo do Estado de São Paulo: Museu Casa de Portinari, em Brodowski; Museu Felícia Leirner e Auditório Cláudio Santoro, em Campos do Jordão; Museu Índia Vanuíre, em Tupã; e o Museu das Culturas Indígenas, em SP.

Tem como propósito o desenvolvimento da área cultural, principalmente a museológica, pela colaboração técnico-operacional e financeira. Por meio de seu trabalho, a Associação auxilia e favorece a qualificação das instituições como centros regionais de referência na área museológica.

A relação da ACAM Portinari com o Museu das Culturas Indígenas surgiu a partir de um trabalho feito pela Organização Social junto ao Museu Índia Vanuíre, desde 2008. Nessa época, a instituição priorizou uma série de reformulações e ressignificações, visando a um cuidado e relacionamento mais significativo com os povos originários da região Oeste paulista, já abordando uma parceria e colaboração.

Quando o projeto do MCI foi apresentado pelo Instituto Maracá à Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, com sua dinâmica singular e desafios acerca da gestão compartilhada, a ACAM Portinari já mantinha um trabalho maduro neste tema, assim como o compromisso em apoiar um protagonismo efetivo dos indígenas.

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA

INSTITUTO MARACÁ

Fundado em 2017, o Instituto Maracá é uma associação sem fins lucrativos e vinculações político-partidárias ou religiosas. Com sede em São Paulo, o Instituto Maracá tem entre seus sócios-fundadores importantes lideranças indígenas como Carlos Papá, Cristine Takuá e Ailton Krenak, e seu conselho é composto por Davi Kopenawa Yanomami, Sandra Benites e Siã Huni Kuin.

A principal finalidade do Instituto é contribuir para que os povos indígenas sejam mais respeitados e valorizados na sociedade brasileira. Por isso, seu trabalho é focado na realização de ações de proteção, difusão e valorização do patrimônio cultural indígena e na criação de espaços de diálogo intercultural, por meio de formas inovadoras de comunicação, promovendo assim a defesa dos direitos indígenas e o fortalecimento da autonomia dos povos.

Idealizador do modelo de gestão compartilhada adotado no MCI, o Instituto Maracá promoveu as ações para a sua criação e condução, seja como facilitador da relação entre representantes indígenas e as instituições culturais do estado de São Paulo, seja orientando as atividades voltadas à gestão compartilhada do Museu e às Exposições, a fim de promover uma maior aproximação e conhecimento sobre a realidade dos povos indígenas.

CONSELHO INDÍGENA ATY MIRIM

Considerados os desafios políticos, técnicos e institucionais da interlocução entre o estado e os povos indígenas, o Conselho Indígena Aty Mirim foi criado como instância da gestão compartilhada do MCI. É um dos mecanismos de escuta, consulta e formulação da agenda propositiva de trabalho comprometida com os direitos dos povos indígenas. Tem atuado visando à construção de uma cogestão indígena desta instituição museológica estadual, contemplando projetos de educação, memória, cultura, artes e patrimônio, entre outros, de modo a estabelecer conexões entre os trabalhos desenvolvidos no MCI e as diversas comunidades indígenas que representa.

O Conselho se reúne mensalmente, durante três dias, para debater assuntos que envolvem

a gestão compartilhada, a composição e atuação das equipes do Museu, a elaboração das programações culturais, atividades e oficinas com a coordenação do Instituto Maracá. As decisões do Conselho envolvem, por exemplo, a formação de educadores e professores para conscientização, valorização e instrumentalização para lidar com as questões indígenas dentro e fora das salas de aula, com a perspectiva decolonial.

Nessas reuniões, também são abordadas a seleção de exposições a serem exibidas, a programação cultural, a gestão de acervos e as estratégias de comunicação. Além disso, questões políticas que envolvem o posicionamento do Museu em temas estratégicos são colocadas em pauta e analisadas. O Conselho Aty Mirim busca a construção de suas decisões por meio de consensos, mas em situações de divergência pode ser proposta uma votação.

O Conselho Indígena Aty Mirim é composto por representantes de Territórios Indígenas de cinco regiões do estado: Região Metropolitana de São Paulo, Vale do Ribeira, Litoral Norte, Litoral Sul e Oeste Paulista, abrangendo integrantes dos povos Guarani Mbya, Guarani Nhandeva, Tupi-Guarani, Kaingang, Pankararu e Terena, totalizando 31 conselheiros e conselheiras indicados por suas comunidades.



CONSELHO INDÍGENA ATY MIRIM

Composição em 2023

31 conselheiros e conselheiras
(17 mulheres, 15 homens)

Região Metropolitana (RM) da Cidade de São Paulo

- » TI Jaraguá,
- » TI Tenondé Porã,
- » TI Filhos Desta Terra e
- » Território Indígena Pankararu do Real Parque

Territórios no Oeste Paulista

8

» Kaingang, Tupi-Guarani/Nhandeva, Terena, Krenak

TI Vanuíre, Aldeia Tereguá (TI Araribá), Aldeia Ekeruá (TI Araribá), Aldeia Kopenoti (TI Araribá), TI Icatu

Arco-Íris, Avaí, Braúna

Terra Indígena (TI) Jaraguá

8

» Guarani Mbya, Guarani Nhandeva

Tekoa Ytu, Tekoa Pyau, Tekoa Yvy Porã, Tekoa Itakupe, Tekoa Itawerá

São Paulo

Território Pankararu no Real Parque

1

» Pankararu

Comunidade Pankararu Real Parque

São Paulo

Terra Indígena (TI) Filho Desta Terra Aldeia Multiétnica de Guarulhos

2

» Povo Wassu-Cocal

Reserva Indígena Filho Desta Terra

Guarulhos

Terra Indígena (TI) Tenondé Porã

1

» Guarani Mbya

TI Tenondé Porã/SP

Mongaguá, São Bernardo do Campo, São Paulo e São Vicente

Territórios no Vale do Ribeira

3

» Guarani Mbya

Tekoa Takuari, Aldeia Itapuã, Aldeia Itapu Mirim

Eldorado, Iguape, Registro

Territórios Indígenas no Litoral Sul

4

» Tupi-Guarani, Guarani Mbya

Aldeia Bananal, Aldeia Tapirema, Tekoa Nhanderu Pó (TI Aguapeú), Aldeia Nhamandu Oua

Peruíbe, Mongaguá, Itanhaém

Territórios Indígenas no Litoral Norte

4

» Guarani Mbya

Tekoa Rio Silveira, Aldeia Boa Vista, TI Renascer

Bertioga, São Sebastião, Ubatuba

Legenda

Quantidade de representantes

Povo

Tekoa/aldeia/Terra Indígena

Município

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



CONSELHO INDÍGENA ATY MIRIM

Composição em 2023

31 conselheiros e conselheiras
(17 mulheres, 15 homens)

Conselheiras e Conselheiros da Terra Indígena (TI) Jaraguá

NOME	POVO	TEKOA/ALDEIA/ TERRA INDÍGENA	MUNICÍPIO
Jacileide Augusta Vilar Martins	Guarani Mbya	Ytu	São Paulo
Jandira Mayara Vilar Martim	Guarani Mbya	Pyau	São Paulo
Thiago Henrique Vilar Martim	Guarani Mbya	Yvy Porã	São Paulo
Jaxuka Leonice Rete de Quadros	Guarani Mbya	Pyau	São Paulo
Marcio Mendonça Boggarim	Guarani Nhandeva	Yvy Porã	São Paulo
Irene Mendonça Boggarim	Guarani Nhandeva	Yvy Porã	São Paulo
Tamikuã Txihi Gonçalves	Pataxó	Itakupe	São Paulo
Arapoty Maria Olinda dos Santos	Guarani Mbya	Itawerá	São Paulo

Conselheiro da Terra Indígena (TI) Tenondé Porã

NOME	POVO	TEKOA/ALDEIA/ TERRA INDÍGENA	MUNICÍPIO
Alcides Escobar Campos	Guarani Mbya	Tenondé Porã	Mongaguá, São Bernardo do Campo, São Paulo e São Vicente

Conselheiro e Conselheira da Terra Indígena (TI) Filho Desta Terra

NOME	POVO	TEKOA/ALDEIA/ TERRA INDÍGENA	MUNICÍPIO
Deise Wassu	Wassu	Filhos Desta Terra	Guarulhos
Ibyrassu Maximo Wassu	Wassu	Filhos Desta Terra	Guarulhos

Conselheiras do Território Pankararu do Real Parque

NOME	POVO	TEKOA/ALDEIA/ TERRA INDÍGENA	MUNICÍPIO
Ivone da Conceição	Pankararu	Real Parque	São Paulo

Conselheira e Conselheiros de Territórios Indígenas no Vale do Ribeira

NOME	POVO	TEKOA/ALDEIA/ TERRA INDÍGENA	MUNICÍPIO
Marciano Mendonça Boggarim	Guarani Nhandeva	Takuari	Eldorado
Jaqueline Castro Lira da Silva	Guarani Mbya	Itapuã	Iguape
Juscelino Peralta	Guarani Mbya	Itapu Mirim	Registro

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

**1 / A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO**

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



CONSELHO INDÍGENA ATY MIRIM

Composição em 2023

31 conselheiros e conselheiras
(17 mulheres, 15 homens)

Conselheira e Conselheiros de Territórios Indígenas no Litoral Norte

NOME	POVO	TEKOA/ALDEIA/ TERRA INDÍGENA	MUNICÍPIO
Manoel da Silva Werá	Guarani Mbya	Rio Silveira	Bertioga
Carlos Papá	Guarani Mbya	Rio Silveira	São Sebastião
Ivanildes Kerexu	Guarani Mbya	Boa Vista	Ubatuba
José Thiago de Lima Silva	Guarani Mbya Tupi-Guarani	Renascer	Ubatuba

Conselheira e Conselheiros de Territórios Indígenas no Litoral Sul

NOME	POVO	TEKOA/ALDEIA/ TERRA INDÍGENA	MUNICÍPIO
Catarina Delfina dos Santos (Nimbopy'rua)	Tupi-Guarani	Tapirema (TI Piaçaguera)	Peruíbe
Ubiratã Jorge de Souza Gomes	Tupi-Guarani	Bananal	Peruíbe
Luiz de Souza Karáí	Guarani Mbya	Aguapeú	Mongaguá
Helena da Silva	Guarani Mbya	Nhamandu Oua	Itanhaém

Conselheiras e Conselheiros de Territórios no Oeste Paulista

NOME	POVO	TEKOA/ALDEIA/ TERRA INDÍGENA	MUNICÍPIO
Dário Machado	Terena	Kopenoti Araribá	Avaí
Dirce Jorge Lipu	Kaingang	Vanuíre	Arco Íris
Susilene de Melo Deodato	Kaingang	Vanuíre	Arco Íris
Elizeu Caetano	Tupi-Guarani Nhandeva	Vanuíre	Arco Íris
Gerolino José César	Terena	Ekeruá Araribá	Avaí
Creiles Marcolino	Tupi-Guarani Nhandeva	Nimuendaju Araribá	Avaí
Lilian Aparecida Eloi Henrique	Tupi-Guarani Nhandeva	Tereguá Araribá	Avaí
Hilda Umbelino	Kaingang	Kopenoti Araribá	Avaí
Mariane Honório Rodrigues	Terena	Kopenoti Araribá	Avaí
Ricardo Pereira Castelão	Terena	Tereguá Araribá	Avaí
Ranulfo Camilo	Terena	Icatu	Braúna

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

**1 / A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO**

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



QUEM FAZ O MUSEU

As narrativas indígenas são fundamentais para a reformulação de discursos e a reeducação sobre diálogos interculturais. As exposições e as atividades culturais, voltadas ao público e a atuação das equipes do Museu, promovem a quebra de estereótipos, preconceitos e posturas opressoras que compõem o cenário de invisibilização e objetificação dos povos originários.

Nesse ambiente de cuidado e ensinamentos, o público visitante é apresentado a pinturas, artesanatos, músicas, histórias e vivências. Essa introdução à pluralidade indígena é proporcionada pelos **Mestres de Saberes**, que exercem o papel de acolhimento e mediação ao público.

Os Mestres de Saberes são educadores indígenas de diferentes etnias que aprofundam o contato do público com as exposições e instalações, colaborando em projetos, oficinas e formações e atuando diariamente para desconstruir preconceitos e ampliar as perspectivas. Com sensibilidade e sabedoria, os Mestres falam de sua própria cultura, seus modos de viver em suas comunidades

e a organização de suas aldeias ou locais de moradia, sempre destacando a pluralidade de experiências indígenas em contextos urbanos.

Os mestres fazem parte do **Núcleo de Transformação e Saberes (NUTRAS)**, que une os setores educativos e de formação do MCI. O NUTRAS parte do princípio de construção e reformulação de pensamentos e discursos e tem como responsabilidade a organização e avaliação das visitas, a programação educativa do Museu e também a condução dos programas de formação e atividades formativas para os diversos tipos de público.

O **Núcleo de Exposições e Programação Cultural** do MCI atua por meio de diversas ações, focando no diálogo com os povos indígenas e com a sociedade não indígena. Tem como objetivo proporcionar um maior conhecimento sobre as histórias e costumes originários, incluindo o compromisso de romper visões preconceituosas e estereotipadas.

O MCI também conta com **Comissões Curatoriais**, formada por representantes indígenas de diversas etnias. São responsáveis

pelas exposições temporárias, que visam estabelecer diálogos e o aprofundamento de questões abordadas na exposição de longa duração. As exposições itinerantes devem contemplar instituições museológicas indígenas e não indígenas, bem como instituições culturais e espaços públicos.

O **Centro de Pesquisa e Referência (CPR)** faz parte do Programa de Acervos do MCI, que visa à formação do acervo museológico, bibliográfico e de memória institucional. O CPR tem se dedicado a refletir e desenvolver práticas de salvaguarda do patrimônio material e imaterial dos povos indígenas,

especialmente do estado de São Paulo, orientadas pelas ações já realizadas em seus territórios e no próprio Museu. Junto ao Conselho Aty Mirim, define as linhas de pesquisa que contemplam as realidades indígenas com o objetivo de criar e fortalecer narrativas que enriqueçam as diferentes áreas do Museu no diálogo com o público.

O **Núcleo de Comunicação e Desenvolvimento Institucional** adota valores indígenas, em conformidade com os princípios de autonomia e direito originário garantidos pela Constituição Federal de 1988. Baseia-se nos artigos 231 e 232, reconhecendo a organização social e



APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



os direitos sobre as terras tradicionalmente ocupadas pelos povos indígenas. Além disso, segue os preceitos da Declaração das Nações Unidas sobre o Direito dos Povos Indígenas (2008), que enfatiza o direito dos povos tradicionais de estabelecerem seus próprios meios de informação e de acesso a meios de informação não indígenas, bem como a necessidade de os meios de informação públicos e privados refletirem a diversidade cultural indígena. Em uma abordagem de gestão compartilhada e participativa, o Núcleo propõe valores alinhados com a luta cultural dos povos originários do estado de São Paulo e do Brasil como um todo.

As ações de desenvolvimento institucional, neste programa, estão relacionadas com captação de recursos e estabelecimento de parcerias com indivíduos e organizações, ambos dependentes de comunicação adequada e reputação positiva.

O **Núcleo de Infraestrutura** é responsável pelas ações do programa de edificação do MCI, compreendendo a implantação e manutenção das estruturas, instalações e equipamentos prediais, uso dos espaços e inserção urbana. Os objetivos deste programa são conservar o edifício e implementar condições de segurança e acessibilidade para as pessoas, trabalhadores e visitantes, e para o acervo do Museu.



GRUPOS DE TRABALHO

Para cada um dos programas museológicos do MCI, foi criado um Grupo de Trabalho (GT), composto por membros do corpo técnico do Museu, representantes do Instituto Maracá e membros do Conselho Aty Mirim.

Dentre os delineamentos e referências comuns aos GT's, o primeiro e mais importante é o estabelecimento de formas de consulta, escuta e colaboração com os povos indígenas, por meio de mecanismos que assegurem a participação do Conselho Indígena Aty Mirim na concepção dos programas institucionais e nos planos de trabalho, em diálogo com a equipe técnicas e gestores do MCI, da ACAM Portinari e do Instituto Maracá.

EQUIPE

No que tange à política de gestão da equipe, as diretrizes do MCI dizem respeito à diversidade, o combate ao preconceito étnico-racial e a toda forma de discriminação em relação a gênero e sexualidade, capacitismo e etarismo.

No geral, quanto à diversidade étnica, dentre 38 profissionais de seu corpo técnico, o MCI conta com 20 indígenas (Guarani Mbya, Guarani Nhandeva, Pankararu, Mura, Kaingang, Macuxi, Xucuru-Kariri, Xavante, Wassu Cocal, Mehinako, Huni Kuin, Karajá), três negros, quatro pardos e 11 brancos.

Em relação a gênero, o corpo técnico conta com 50% de homens e 50% de mulheres, entre pessoas cis e trans. Além disso, de acordo com

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



o modelo de gestão adotado para os museus públicos estaduais, a gestão do MCI está sujeita a regulamentações que parametrizam seu funcionamento, sob a responsabilidade da ACAM Portinari, como o Manual de Recursos Humanos e Regulamento de Compras e Aquisições de Serviços.

O Manual de RH estabelece a obrigatoriedade de realização de processos seletivos para a contratação de profissionais da equipe, com pontuação extra para indivíduos PPI (Pretos, Pardos e Indígenas). Entretanto, para viabilizar a presença indígena no corpo técnico do Museu, instituiu-se a função de Mestres de Saberes para realizar a mediação nas ações educativas do Museu.

Inicialmente, eles foram admitidos por indicação do Conselho e posteriormente, contratados mediante processo seletivo restrito à participação de indígenas. Para esta finalidade, em sintonia com os princípios da Convenção 169 da OIT, a gestão do MCI instituiu um Comitê de Processos Seletivos, composto por indígenas representantes do Conselho, representantes da ACAM Portinari, do corpo técnico e Instituto Maracá, que em conjunto responde pela definição do sistema de pontuação e as diversas etapas e critérios de classificação. Ao todo são nove Mestres de Saberes, sendo dois Guarani, um Xucuru-Kariri, um Wassu Cocal, um Xavante, um Huni Kuin, um Pankararu, um Mehinako e um Karajá.

Ainda para composição do corpo técnico do Museu, foram criados seis cargos de supervisores, sendo dois deles preenchidos por indígenas em 2023.

Benefícios concedidos aos colaboradores

Todos os colaboradores efetivos são contratados com todos os direitos trabalhistas previstos pelo regime de CLT, como férias, 13º salário, salário-família e auxílio para filhos com deficiência. Todos recebem vale-refeição mensal, bônus de Natal e opcionalmente vale-transporte, além de plano de saúde e plano odontológico. Os estagiários recebem bolsa e vale-transporte.

Gestão de treinamento e desenvolvimento de colaboradores

Todos os colaboradores (incluindo os estagiários) recebem treinamentos periódicos, em relação aos protocolos de segurança e brigada de incêndio. Além disso, de modo contínuo e permanente, todos os Mestres de Saberes e demais integrantes do serviço educativo do MCI participam de atividades de formação voltadas para a Educação Museal. Periodicamente, ainda, os demais membros da equipe, incluindo os terceirizados, participam de atividades formativas, visando à qualificação do atendimento ao público.

PROGRAMA DE ESTÁGIO

Como parte das ações voltadas ao protagonismo indígena, o MCI considera prioritária a participação da juventude indígena na construção da TAVA.

A experiência dos estudantes em programas de estágio é de grande importância para suas formações, a partir da inserção em atividades profissionais. Para tanto, no Museu das Culturas Indígenas, as atividades culturais e vivências despertam e aprofundam o contato dos jovens indígenas com sua cultura, com a de seus parentes e com o público em geral.

Durante o estágio, os estudantes conhecem o funcionamento de uma instituição museal vinculada à Secretaria de Cultura, participam

diretamente dos fluxos administrativos e acompanham tomadas de decisões no modelo de gestão compartilhada. A depender do setor, participam da programação educativa e cultural do Museu, entram em contato com palestrantes e artistas, podem desenvolver a fala diante do público e são encorajados a sugerir ou propor atividades e pesquisas de interesse.

O programa, assim, é oportunidade única para o crescimento individual e social dos estudantes, num espaço profissional em que suas experiências e conhecimentos são fundamentais e onde é possível aliar conhecimentos indígenas e não indígenas no dia a dia de uma instituição.

Em 2023, integraram a equipe de estagiários do MCI estudantes das etnias Guarani, Pankararu, Pankararé, Aimara e Guajajara. Eles atuam no Programa de Acervo (um), Programa Educativo (seis), Programa de Comunicação (um), Programa de Infraestrutura (um) e no Programa de Gestão (um).

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



2 / SABERES

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



A arte, seja ela em suas expressões cotidianas ou rituais, é uma forma importantíssima para os povos indígenas na transmissão de conhecimentos entre suas diferentes gerações. Manifesta princípios e valores fundamentais de um povo, por meio de seus modos de fazer e de sua estética.

A língua-mãe pode ser considerada a primeira manifestação artística de um povo, aquela que cria mundos possíveis. Todas as expressões artísticas, materiais ou imateriais contam e cantam histórias que remontam a tempos imemoriais, numa relação intrínseca com o território e seus recursos, com seres visíveis e invisíveis.

indigenista, esses povos passaram a ocupar seus lugares de fala e representação em diversas instituições no Estado brasileiro. As questões indígenas, climáticas e ambientais são, atualmente, o centro das discussões a nível mundial, nas quais os povos indígenas são protagonistas e detentores de soluções.

No Museu das Culturas Indígenas, as exposições e atividades expressam as visões dos povos e as lutas da causa indígena. Criticam o colonialismo e contam suas próprias versões, revelando e afirmando as suas próprias perspectivas históricas. Desta forma, criam discussões que transformam a estrutura do pensamento ocidental. Com um olhar para a presença indígena em espaço urbano, as exposições apresentam temáticas de resistência, do antirracismo e da luta pelos direitos, presentes em diferentes obras e ações.

Esse movimento e estímulo à reflexão faz do Museu das Culturas Indígenas uma casa em constante transformação, onde as pessoas são acolhidas em um ambiente que apresenta diferentes visões de mundo, modos de resistência, de luta, além das belezas culturais de seus anfitriões.



Assim, os saberes e ensinamentos indígenas têm papel fundamental na compreensão da história nacional, por meio de um ponto de vista decolonial. Eles estimulam uma profunda revisão dos conceitos preestabelecidos e de antigas percepções históricas, como civilidade e desenvolvimento.

Por séculos, os diferentes modos de ser e viver dos povos indígenas não foram reconhecidos, assim como suas identidades, culturas, belezas e territórios. Apenas nas últimas décadas, devido às lutas do movimento indígena e

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



INTERCÂMBIO CULTURAL

O Museu das Culturas Indígenas tem como objetivo viabilizar intercâmbios culturais entre membros indígenas do MCI, estudantes indígenas, representantes de diversos povos, equipes de outros museus e artistas. Os intercâmbios são ações importantes para o fortalecimento cultural e para as trocas de conhecimentos relacionados à língua, à alimentação, às festas, rituais, histórias, cuidados com as crianças, educação, saúde, e também sobre gestão de museus, curadorias, arte e diversos outros temas.



PARCERIAS INSTITUCIONAIS

As parcerias institucionais buscadas pelo MCI potencializam a troca de experiências, fortalecem a articulação de saberes em redes e contribuem para o compartilhamento de sistemas de informações sobre os povos indígenas por meio do intercâmbio, produção e divulgação de informações qualificadas.

São parceiros do MCI, até o momento:



APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



POR DENTRO DO MUSEU

No MCI, as exposições – independentemente de sua duração – evidenciam princípios e valores que fundamentam pensamentos e práticas dos povos que as representam, a partir de sua própria curadoria. A programação tem o propósito de desfazer estereótipos e reafirmar os direitos e vivências das várias etnias. As produções e montagens das exposições incluem a colaboração de pesquisadores e profissionais indígenas e o apoio de consultores especialistas em diversas áreas, acentuando os diálogos interculturais.

Sala da Jiboia

A Sala Multiúso, ou “sala da jiboia” é um local de acolhimento e atividades, ressignificado pela artista Huni Kuin Rita Sales. No centro do espaço, um enorme *puff* de uma jiboia convida os visitantes a se acomodarem livremente. A cobra remete à história do caçador Yube Inu, que se apaixonou por uma mulher-jiboia Yube Shanu e foi levado por ela para viver em sua aldeia no fundo do lago. Cenas dessa história foram registradas por Rita Sales Huni Kuin nas paredes da sala. Rita Sales é autora, também, da pintura do corpo da jiboia gigante.

De Rita Huni Kuin: “**Jiboia (Yube Shéne)**” e “**Surgimento Ayawaska (Yube Inu e Yube Shanu)**”, realizada na Sala Multiúso no 7º andar.



Ocupação Decoloniza – SP Terra Indígena

Exposição coletiva a céu aberto que ocupa os muros, paredes externas e outros espaços do Museu com diversas linguagens artísticas. Criada por uma comissão curatorial e artística indígena, apresenta grafismos e representações cosmogônicas de diversos povos.



Na entrada do Museu, o grafismo Guarani denominado “Ypará Jaxá” foi desenvolvido por um coletivo de artistas da Terra Indígena (TI) Jaraguá e tem o significado de proteção e acolhimento para os que vêm visitá-lo. “A guardiã da memória”, onça-pintada na entrada direita do MCI, é uma obra da artista Pataxó Tamikuã Txihí, assim como as onças-pintadas no pátio, obra nomeada “Recuperando território para dar vida às esperanças”, que traz a importância do papel feminino na defesa pela vida e pela terra.

Três grupos de Yãmĩyox, povos encantados-cantores, foram trazidos pelo pajé, artista e professor José Antoninho Maxakali em seus desenhos no Pátio do Museu. O primeiro deles, da esquerda para a direita, é formado pelos “Kotkuphi”, ou fibra-da-mandioca-Yãmĩyox, outro grupo Yãmĩyox está presente por meio do desenho dos três mímããm de Xúnim, morcegos-Yãmĩyox, exímios cantores e curadores. Trazido solitário por José Antoninho, é Mõgmõgka, ou gavião-Yãmĩyox que, do alto de sua comprida árvore, canta de saudades. Kotkuphi e Mõgmõgka são excelentes caçadores, muito queridos pelos Maxakali. Também foram desenhados um arco e flecha, instrumentos dados aos ancestrais dos Maxakali pelos Yãmĩyox.



Por fim temos ainda, a pintura “Hekura pë yahipi”, de Sérgio e Maurício Yanomami no muro esquerdo que retrata dois homens Yanomami e o uso da “yãkoana”. Da Comissão Guarani Yvyrupa (CGY), Centro de Trabalho Indigenista (CTI): “Mapa das Terras Guarani”, no muro direito e de Carlos Papá Mirim e Daniel Scandurra: o “TAVA – Casa de Transformação”. Grafismo aplicado no primeiro andar da fachada frontal do prédio do MCI.

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



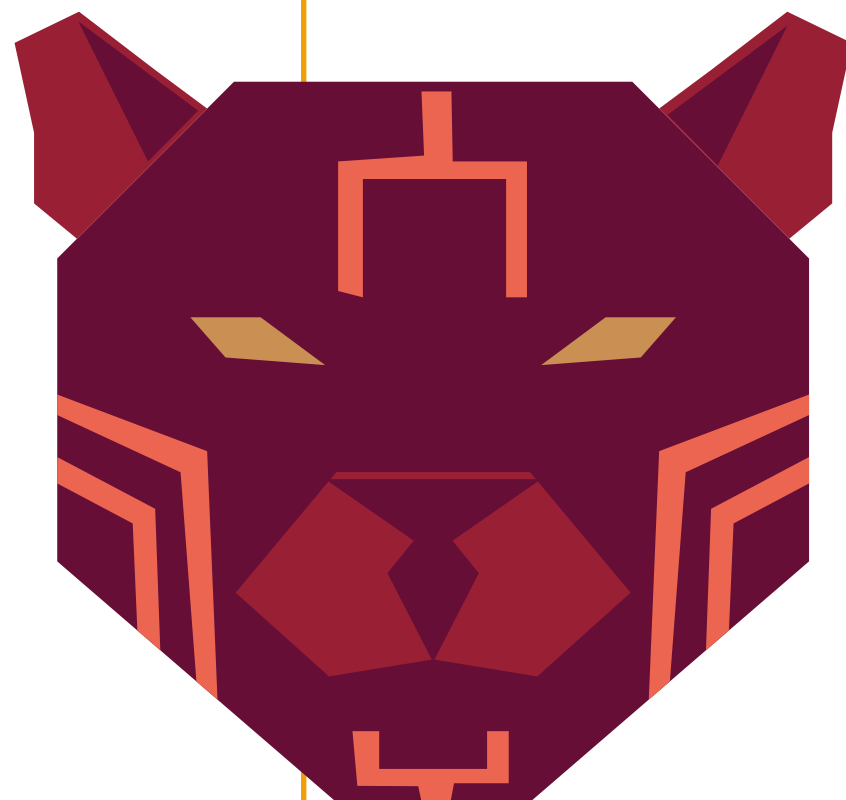
NOSSAS EXPOSIÇÕES

O MCI apresentou quatro exposições em 2023. Elas trabalharam com abordagens diversas voltadas para a cultura dos povos indígenas e sua relação com a sua identidade, com a sociedade e com a natureza.

Ao longo do ano, o Museu das Culturas Indígenas recebeu **28.018 visitantes**, entre eles 16.920 pessoas classificadas como público espontâneo e 11.098 visitantes provenientes de agendamentos.

Foram **355 grupos agendados**, dentre os quais **268 eram de escolas e universidades**.

Alunos e professores da Escola Indígena Centro de Educação e Cultura Indígena (CECI), do município de São Paulo, visitaram o MCI em doze datas do ano. Também recebemos, em duas oportunidades, os pacientes da Casa de Saúde Indígena de São Paulo.



INVASÃO COLONIAL “YVYOPATA” A TERRA VAI ACABAR

Exposição individual do artista Xadalu Tupã Jekupé é uma das duas exposições inaugurais do MCI, esteve em cartaz até o primeiro semestre de 2023. O artista guarani trouxe, com sua estética na arte urbana contemporânea, a demarcação dos deslocamentos territoriais com múltiplas linguagens e o território identitário indígena ameaçado pela sociedade ocidental.

Sua obra denuncia como os territórios originários em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, estão sendo engolidos pelo cimento da cidade, que devora terras e vidas. Cercas de arame revelam não apenas a violência da invasão, mas o estado de segregação étnica que vive o Povo Guarani, e a asfixia do espaço, cada

vez menor, das terras indígenas. A emergência e necessidade de visibilidade da diáspora Guarani é uma denúncia da população indígena, expulsa pela expansão da especulação imobiliária e invisibilizada no contexto urbano.



Artista: Xadalu Tupã Jekupé
Duração: 29/06/22 a 02/05/2023
Número de visitantes: 19.836
Número de obras: 17



APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



YGAPÓ: TERRA FIRME

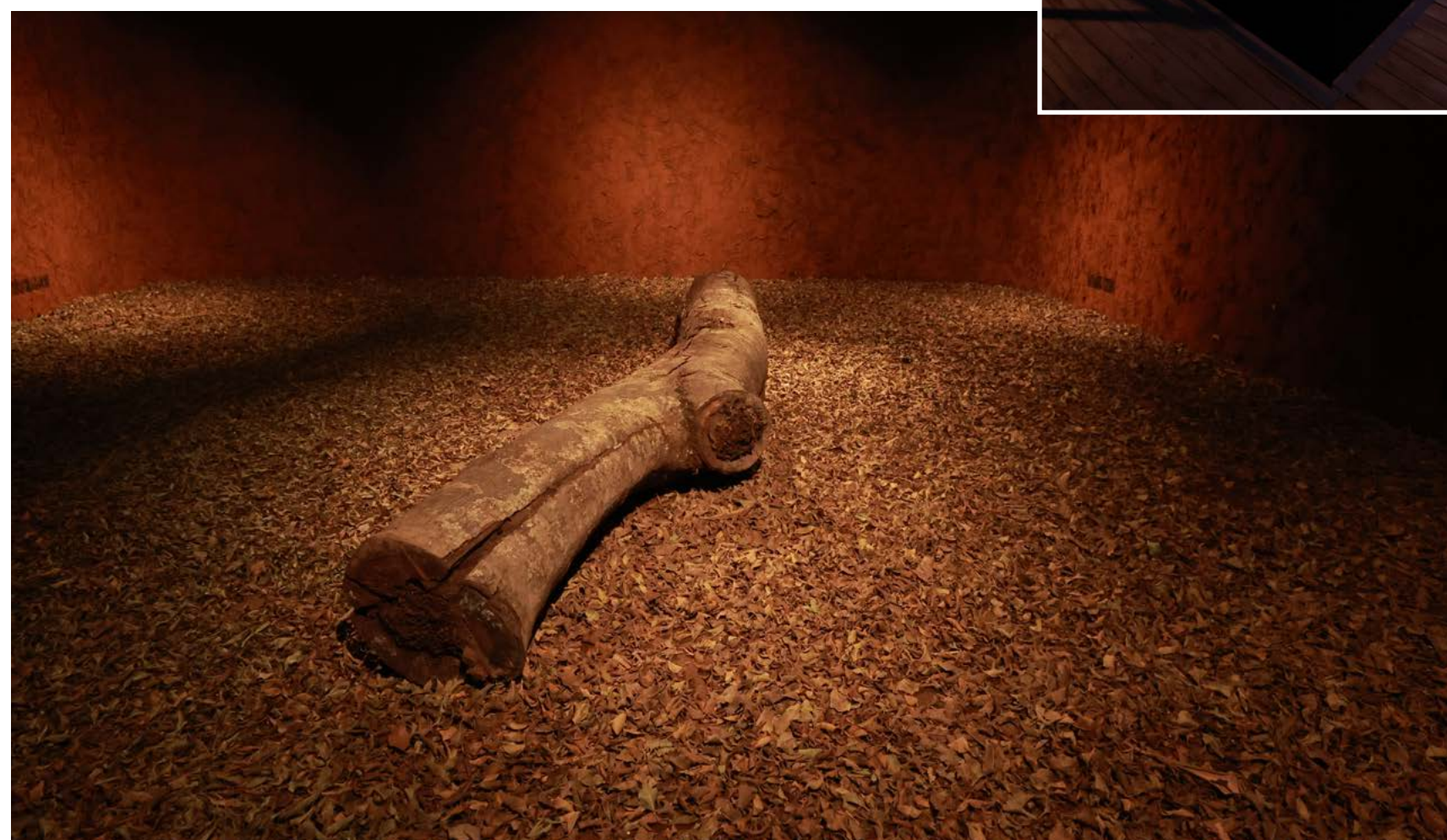
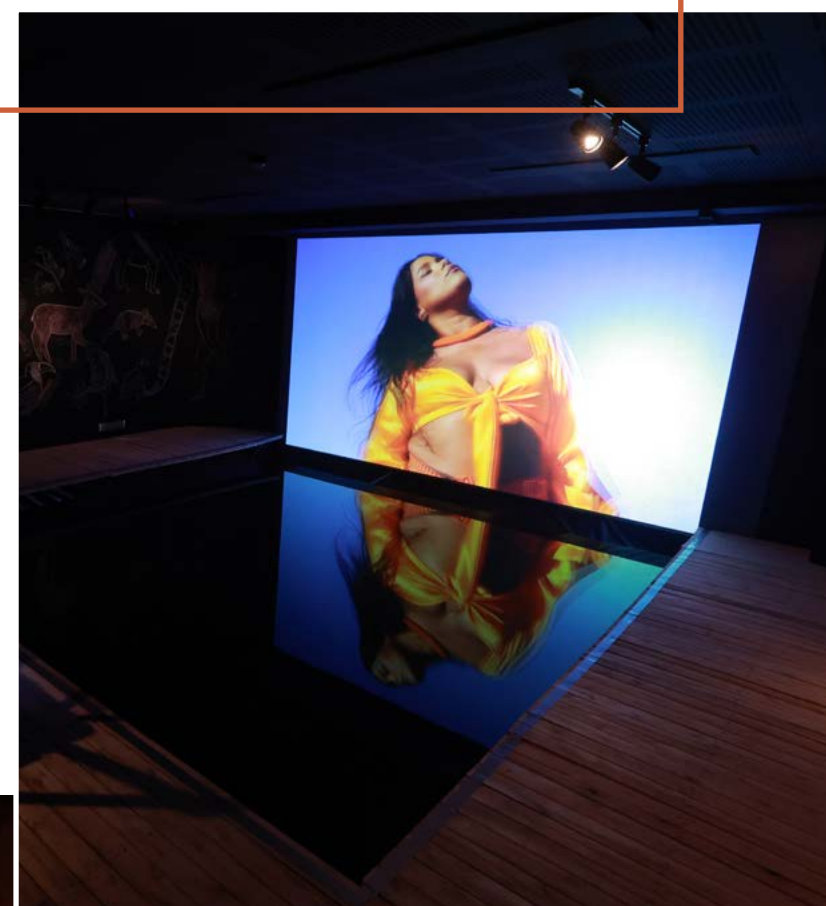
A exposição do artista e curador Denilson Baniwa, em cartaz desde a abertura do Museu até o primeiro semestre de 2023, é um convite para o público visitar a floresta Amazônica por meio de experiências sensoriais. Traz produções contemporâneas, tradicionais, sonoras e visuais de músicos indígenas, projetadas em um telão que se reflete em um espelho d'água.

Ygapó é o nome de uma região amazônica que permanece alagada mesmo durante a estiagem e, por isso, foi usada como metáfora da resistência dos povos originários, que em constante ameaça externa, ainda assim acreditam no futuro mais diverso, plural e sustentável a partir da coletividade e compartilhamento de saberes.

Artista: Denilson Baniwa

Duração: 22/06/22 a 19/11/2023

Número de visitantes: 39.270



APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA

NHE'ËRY: ONDE OS ESPÍRITOS SE BANHAM

Concebida com curadoria indígena, a exposição mostra a preocupação dos povos originários com a preservação de seu território/bioma Mata Atlântica. Para o povo Guarani, a Nhe'ëry é base de existência e resistência dos povos indígenas que nela habitam, pois é na floresta viva que estão os remédios que curam e a verdadeira escola: a transmissão dos saberes e dos fazeres ancestrais.

Esta exposição busca trazer a visão dos espíritos que habitam a floresta. Cada ser vegetal, animal e mineral possui sua profunda Sabedoria. Os espíritos guardiões de tudo que nela habita estão conectados com os povos originários que brotam da Nhe'ëry.

À curadoria coube trazer o conhecimento ancestral das guardiãs da floresta representando as etnias Guarani, Tupi-Guarani, Krenak, Pataxó e Maxakali.



Curadores: Sonia Ara Mirim,
Cristine Takuá, Sandra Ara Rete
Benites, Carlos Papa Mirim Poty.

Guardiãs: Maria Arapoty - Guarani
Mbya, Catarina Delfina dos Santos
Nimbopyrua - Tupi Guarani,
Sueli - Maxakali, Irani - Krenak
e Liça Pataxoop - Pataxó

Duração: 03/06/23 – até hoje

Número de visitantes: 27.729





MYMBA'I, PEDINDO LICENÇA AOS ESPÍRITOS, DIALOGANDO COM A MATA ATLÂNTICA

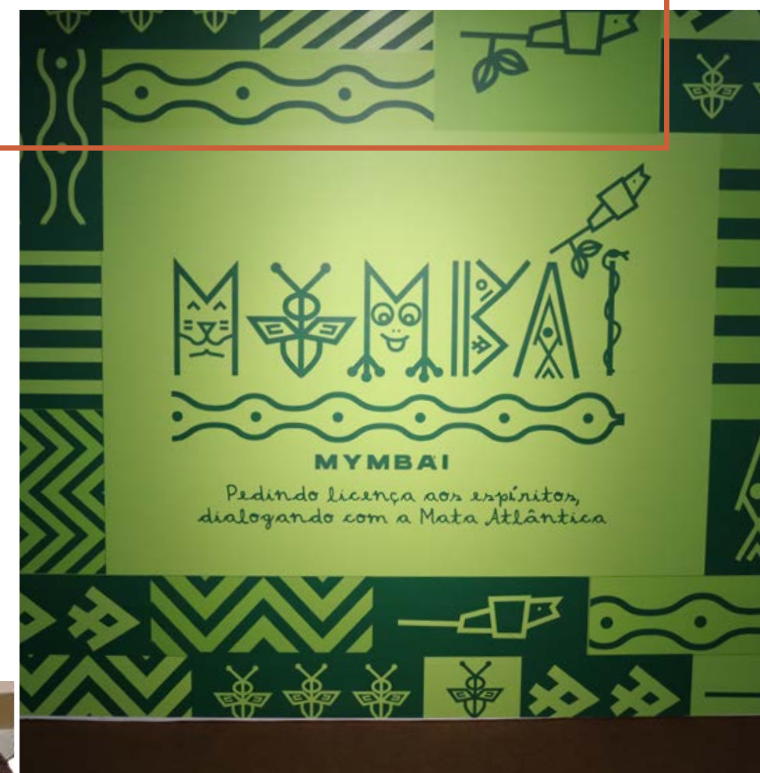
Realizada com o acolhimento de cinco indígenas, com a curadoria e mentoria da artista visual Tamikuã Txihi, a exposição Mymba'i, palavra sagrada em Guarani, pode ser compreendida como um pedido de licença aos seres ancestrais e espíritos dos animais que cuidam de todos os seres das florestas.

A exposição reúne imagens de animais que trazem a marca de violências em seus corpos. São desenhos, pinturas e colagens produzidos em oficina pela artista Tamikuã Txihi que convidam a refletir sobre os impactos das ações humanas na natureza. É um chamado para aprender com os povos originários a ouvir, respeitar, dialogar e cuidar da Mãe-Irmã-Natureza.

Artista: Tamikuã Txihi

Duração: 29/06/23 – até hoje

Número de visitantes: 25.375



HENDU PORÃ' RÃ, ESCUTAR COM O CORPO

Com curadoria indígena, a exposição é focada na escuta. É fruto de rodas de conversas com a comunidade e algumas lideranças de diferentes territórios sobre a importância do modo de ser dos povos Guarani.

Para o povo Guarani, "Hendu" significa escutar com o corpo inteiro. Essa exposição coletiva propõe transmitir ao público uma reflexão aprofundada, com o corpo e com diálogo, sobre a forma Guarani de estar e resistir no mundo.

Cabe destacar, como parte da construção da curadoria coletiva da exposição Hendu Porã' rã, a programação cultural "Corpo Território", realizada ainda em 2022, que contou com

a presença de coletivos de diversas etnias convidadas pela comissão curatorial para trazer as mensagens e saberes de seus povos para o público do Museu, contribuindo com os curadores na pesquisa e definição de conteúdo para a concepção da exposição.



APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



PROGRAMAÇÃO “CORPO-TERRITÓRIO” OUTUBRO 2022

TERRITORIALIDADE NA PERSPECTIVA GUARANI
E A LUTA PELA TERRA – Thiago Guarani

TERRA E TEMPORALIDADES – o significado do Milho
e da Erva-Mate na cosmologia Guarani-Xemõi Isaac,
Vera Marcio Mirim, Kuña Kará Irene Mirim

SABERES DAS MESTRAS E DOS MESTRES GUARANI
– Kuña Kará Catarina Tupi e Kará Timóteo Vera Tupã Popygua

GESTAÇÃO, NASCIMENTO E A ORIGEM DO MUNDO GUARANI
– Poty Porã e Werá Mateus

TEMPOS DE JEPOTA – Kunhã Kará Cristina

ENCONTRO DAS MESTRAS GUARANI
Encontro entre lideranças mulheres Guarani Mbya,
Ñandeva e Kaiowá de diversos lugares do Brasil compondo
uma programação cultural sobre resistência, saber
e territorialidade, a partir dos seguintes temas:

- 1 A força da palavra – cantos e rezas
- 2 A Palavra Sonhada, Visões e Premonições
- 3 Vivência na aldeia
- 4 Caminhos e Des-fronteiras
- 5 Palavras de luta – Entre a Reza e o Rap
- 6 A Poética do tempo entre as Guarani Mbyá,
Ñandeva e Kaiowá

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA

PROGRAMAÇÃO CULTURAL

Ao longo de 2023, a programação cultural do MCI contou com palestras, cursos, oficinas, rodas de conversas, vivências, danças, cantos e rituais realizados presencial e virtualmente para apresentar e dialogar sobre as culturas e práticas dos povos originários de São Paulo e do Brasil, de forma a instigar o público a respeito dessas temáticas e fomentar a participação em outras atividades.

VIVÊNCIA: TRADIÇÕES CULTURAIS E BEM VIVER MURA

Os Mura são um povo indígena que habita as áreas do rio Madeira, Purus e Amazonas, no estado do Amazonas. Suas lutas reivindicam o seu reconhecimento como povo indígena frente aos processos de desestabilização de sua vivência, consequência dos violentos processos coloniais.

As memórias apresentadas nesse evento foram registradas por Márcia Mura em suas pesquisas acadêmicas. A vivência foi dividida em três atividades e o público pode se inscrever separadamente: Apresentações de conceituações da arte, da escrita, das ações culturais-políticas como recuperação e fortalecimento da memória Mura; vivência Grafismos Indígenas e a recuperação cultural do povo Mura; lançamento do livro “Tecendo Memória Mura e de outros parentes” de Márcia Mura. O evento contou com a participação de 52 pessoas.

MUNDURUKANDO NA CIDADE

Evento com vivências pensadas para famílias e crianças. Contação de histórias com Daniel Munduruku, música e pintura corporal com os Mestres de Saberes do MCI e brincadeiras xinguanas com Kawakani Menihako. Roda de conversa, com Daniel Munduruku a partir do livro “Crônicas de São Paulo” e das histórias dos povos indígenas que habitaram e habitam a cidade e deixam suas marcas nas práticas culturais, nos nomes de localidades e nas suas histórias. Um total de 132 pessoas participaram do evento.





ABRIL INDÍGENA

A programação para o Abril Indígena no Museu das Culturas Indígenas, elaborada em parceria com o Conselho Indígena Aty Mirim, apresentou atividades como rodas de conversa, palestras, danças, cantos, oficinas e rituais.

Na oportunidade, os grafismos nas fachadas da frente e detrás do edifício sede do MCI foram inaugurados, com a participação de artistas indígenas: Rafael de Quadros - Rafael Kaje, Ricardo Pereira Thýnrà Terena, Elizeu Caetano, Itauany Larissa Melo Marcolino, Susilene Elias Melo, Edenizete Ribeiro Alves, Mimby Mirim dos Santos, José Thiago de Lima Silva Awá Tupã Mirim.

No período, também foi realizada a primeira edição da **Feira de Artes Manuais**, organizada com a presença de artistas e artesãos de diferentes territórios que integram o Conselho. Estes artistas participaram diariamente de rodas de conversa nas quais compartilharam com o público presente suas histórias e conhecimentos sobre a fabricação de artes manuais e os seus significados.

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA

A programação contou com cinco palestras:

» **Entre Brejo dos Padres e Real Parque: praiás, caroás, toantes e dinâmicas ritualísticas entre os territórios Pankararu:** ministrada por Ivone Pankararu (Associação SOS Pankararu e Conselho Indígena ATY Mirim) e por Adílson Pankararu (liderança espiritual). Número de participantes: 50 pessoas.

» **Saberes-fazer, diálogo intergeracional e transmissão de conhecimentos tradicionais: tradição, modernidade e sustentabilidade na Terra Indígena Jaraguá:** contou com a participação da ministrante dona Irene Boggarim (Conselho Indígena Aty Mirim – Tekoa Yvy Porã/TI Jaraguá/SP). Número de participantes: 6 pessoas.

» **O Protagonismo das Mulheres Indígenas na Luta por Direitos Humanos: corpo, saúde, memória e territórios:** contou com a participação da Cacica Arapoty Maria (Tekoa Itawerá, TI Jaraguá/SP). Número de participantes: 12 pessoas.

» **Elaboração de Projetos Culturais | Equipe MCI** Número de participantes: 12 pessoas.

» **Quem não pode com formiga não assanha o formigueiro:** oficina que contou com narrativas ancestrais para conhecer as textualidades, oralituras e escrituras indígenas e explicar como esse processo se relaciona com movimentos de fortalecimento, resistência e luta dos povos originários. Foi idealizado por Hitxá Pataxó (Adriana Pesca). Número de participantes: 52 pessoas.



Os caminhos trilhados por mulheres indígenas, confecção de faixa com Brisa Flow.



FÉRIAS NA TAVA

Ao longo do mês de julho de 2023, o Museu das Culturas Indígenas promoveu uma série de atividades gratuitas voltadas ao compartilhamento de experiências em famílias plurais. Públicos de todas as idades foram convidados a participar das vivências com os Mestres de Saberes do MCI. Contou com a presença de 37 pessoas.

RODAS DE CONVERSA

No Museu das Culturas Indígenas, as rodas de conversa contribuem para a difusão e o fortalecimento das culturas indígenas. Por meio de um espaço democrático e plural, temas atuais e relevantes são debatidos, como produção audiovisual, literatura, histórias, memórias de luta, feminismo, sustentabilidade ambiental, direitos, antirracismo, artes e artesanato, saúde, inclusão, diversidade, infância, patrimônio e políticas culturais.

Em 2023, foram realizadas 50 atividades dessa natureza, que cobriram desde a exibição de filmes a vivências e rodas de conversa. Participaram destas rodas de conversa um total de 1.346 pessoas, sendo que 905 de forma presencial e 441 de forma *online*.

Os caminhos trilhado por mulheres indígenas com Brisa Flow.



APRESENTAÇÕES CULTURAIS

Contação de Histórias: “Os Saberes das Mulheres Indígenas”, realizada por mulheres dos povos Guarani Nhandeva, Wassu e Pankararu, com participação de Sandra Benites, Sônia Ara Mirim, Weksilania e Clarice Pankararu.

Musicoterapia Nativa: ministrada por Pedro Karaí Ruvixao, teve o intuito de fortalecer a conexão com o bem-viver, por meio do som de instrumentos nativos que são verdadeiras medicinas da natureza.

“Arte Indígena em São Paulo: 469 anos de resistência”: no aniversário de São Paulo, a arte indígena subiu ao palco do MCI com apresentações de dança e música de diversas etnias que celebram a cultura e resistência dos povos indígenas. O ingresso foi solidário com a arrecadação de alimentos não perecíveis, que foram doados à aldeia Tekoa Yvy Porã, Terra Indígena Jaraguá.

“Toré Pankararu”: o termo se refere ao símbolo maior de resistência e união entre povos indígenas, bem como uma das principais tradições indígenas do Nordeste e do estado de Minas Gerais. A apresentação foi realizada pelo grupo de dança Pankararu constituído por moradores do Real Parque, zona sul de São Paulo, em parceria com a Associação SOS Pankararu e direção das lideranças Maria Lídia Pankararu e Adilson Pankararu.

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 /A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO

2 /SABERES

3 /COLHEITA

FICHA TÉCNICA



Memória
Abril Indígena
Grupo de Toré
Filhos Desta Terra.

“Cantos de União e Re-Existência”, com o Coral Guarani Mbaraete (Terra Indígena Jaraguá):

O Coral Guarani Mbaraete se apresentou com mediação de Jaxuka Quadros e integrante do Conselho Indígena Aty Mirim.

“Cantos e Danças, com o Coral Guatapu”:

canto e apresentação da Dança do Xondaro com a participação de integrantes da Aldeia Nhanderu Pó (Mongaguá).

“Grupo de Toré Filhos Desta Terra”: contou com a participação de integrantes da Aldeia Multiétnica Filhos Desta Terra (Guarulhos).

Apresentação de Dança – Xondaros do

Litoral Sul de São Paulo: representantes de nove aldeias Guarani se apresentaram em comemoração ao primeiro aniversário do Museu das Culturas Indígenas.

Apresentação – Toré Kariri-Xocó: o grupo Arankdzu se apresentou no dia de celebração de aniversário de um ano do MCI.

“Sarau: a periferia também é indígena”:

na programação do Agosto Indígena, o MCI promoveu o Sarau como movimento cultural que reúne conhecimentos, descobertas e vivências coletivas, em parceria com a Produtora Nativa.

CINECLUBE TAVA

O Museu das Culturas Indígenas promove exposições de filmes com ingresso gratuito para dar visibilidade ao cinema produzido por indígenas. Inaugurado em julho, o **Cineclube TAVA** proporciona debates sobre essas produções. Realizado na última quinta-feira de cada mês. O **Cineclube TAVA** é um espaço democrático, educativo e político.

Nessas conversas, é abordada a importância das produções audiovisuais como canais de comunicação dentro das comunidades. Historicamente, essas produções ampliaram a criação de redes entre diversas etnias, ao formar um espaço de atuação e protagonismo indígena para promover reconhecimento de grupos e fortalecer suas lutas. Ao longo de 2023, o Cineclube TAVA apresentou uma seleção diversificada de filmes que proporcionou uma imersão nas diversas culturas e realidades das comunidades indígenas.

A iniciativa começou com **Hamaw – O Filho do Guaraná**, um curta que explora a história por trás de uma marcante pintura do artista amazônida André Hulk. Em seguida, **Tava, a Casa de Pedra**, que oferece uma interpretação mítico-religiosa das reduções

jesuíticas do século XVII no Brasil, Paraguai e Argentina.

Em agosto, o destaque foi **Para’i**, que acompanha a jornada de uma menina guarani em busca de suas raízes e identidade cultural. Setembro trouxe **Kunhangue Arandu: A Sabedoria das Mulheres**, que revela o universo das mulheres indígenas Guarani e suas lutas pela preservação cultural.

Outubro apresentou **As Bicicletas de Nhanderú e Wayuri**, oferecendo uma visão íntima das práticas espirituais dos Mbya-Guarani e da rede de comunicadores indígenas do Rio Negro, respectivamente.

Por fim, em novembro, o Cineclube exibiu **Racismo Ambiental**, documentário que aborda a realidade do povo Tupi-Guarani na Terra Indígena Piaçaguera, seguido por **As Hiper Mulheres** em dezembro, que narra a história do maior ritual feminino do Alto Xingu.

Todas as exposições foram acompanhadas de conversas com algum convidado que produziu, participou do filme ou tem ligações étnicas com ele, proporcionando ao público experiências enriquecedoras e reflexivas sobre as diferentes culturas e lutas indígenas.

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



CICLO DE ESTUDOS SELVAGEM

O Ciclo de Estudos Selvagem realizou uma formação prévia à inauguração da exposição **“Nhe’ëry: onde os espíritos se banham”**, com orientação de Carlos Papá, que traduz para os não indígenas como se dá a construção da linguagem Guarani e seus significados no modo de vida de seu povo.

Foram realizadas cinco aulas presenciais:

- 1 Seres que habitam a Nhe’ëry;
- 2 Frutas da Nhe’ëry Tembiu Porá/Tembiu Vaikue;
- 3 Arandu – sensível sabedoria;
- 4 Tape Rery;
- 5 Jeroky – brotar em si.

Memória Nhe’ëry
Pré-inauguração.

“TePI – Lançamentos de Livros e Leituras Dramáticas”: a parceria do MCI com o Teatro e os Povos Indígenas (TePI) resultou no lançamento dos livros “Teatro e os Povos Indígenas – janelas abertas para a possibilidade” e “Balaio de Dramaturgias Indígenas” em ambiente com projeção, DJ e apresentação de leituras dramáticas dos textos “Margarida pra você lembrar de mim”, de Luz Bárbara e “Carcará”, de Bárbara Matias.

Laboratório de elaboração de projetos para proponentes indígenas: no evento em questão, foram introduzidas as temáticas da economia criativa, dos investimentos públicos e privados no setor cultural, e dos

editais de fomento existentes. A Formação teve sequência com a realização de dois dias de laboratório, em que se discutiram alguns projetos realizados por meio do incentivo do PROAC. Essa ação integra a meta de Formação para a autonomia e geração de renda para público indígena, do Programa Educativo.

Curso de arbitragem de futebol para indígenas:

o curso, dedicado exclusivamente a alunos indígenas, teve como objetivo a formação para atuação como árbitro/a em jogos de futebol. A formação contou com o apoio de material, conteúdo teórico e prático, em parceria com a Secretaria Estadual de Esportes e houve emissão de certificado.



APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 /A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO

2 /SABERES

3 /COLHEITA

FICHA TÉCNICA



MUSEOLOGIA(S) para além das estruturas

normativas: Ação formativa voltada para a comunidade indígena do Museu, em que o objetivo é aprofundar algumas noções importantes para o desenvolvimento museológico. A primeira atividade foi um encontro de museologia indígena, no qual os convidados compartilharam experiências locais e reflexões sobre o tema da sustentabilidade e do bem-viver.

Formação para o Conselho Aty Mirim

– Estado brasileiro, direitos indígenas e

legislações: Sobre estruturas do estado brasileiro, direitos indígenas e legislação para os participantes do Conselho Aty Mirim.

Aula aberta – direito dos povos indígenas,

Estado e poder: para discutir sobre as violências sofridas pelos povos indígenas, a atividade abordou o tema dos direitos dos povos indígenas e do papel do Estado perante esses direitos.

Projeto miração – Registro de saberes e práticas sagradas e formação para público indígena em saberes tradicionais Huni Kuin e Guarani e em produção audiovisual:

projeto propõe uma atividade formativa na aldeia guarani Rio Silveira, integrando a troca de saberes indígenas Huni Kuin e Mbya com a formação audiovisual para jovens. Essa iniciativa visa preservar e divulgar tradições culturais, promover inclusão, amplificar vozes indígenas e registrar patrimônio imaterial.



Exposição Hendu Porá' Rã,
Escutar com o Corpo.



Exposição MYMBA'I,
Pedindo Licença aos Espíritos.
Arte: Tamikuã Txihi.

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



Crédito: Fábio Alt

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA

PESQUISA COM O PÚBLICO DO MUSEU

Ao longo do ano, aplicamos uma pesquisa com os frequentadores do Museu para conhecer melhor o perfil do público das nossas atividades.

DADOS AMOSTRAIS

81
atividades

4.052
pessoas/ano no total

50
pessoas/atividade
em média

363
respondentes



GÊNERO



IDADE

até 10 anos 0,83%

11-20 anos 6,89%

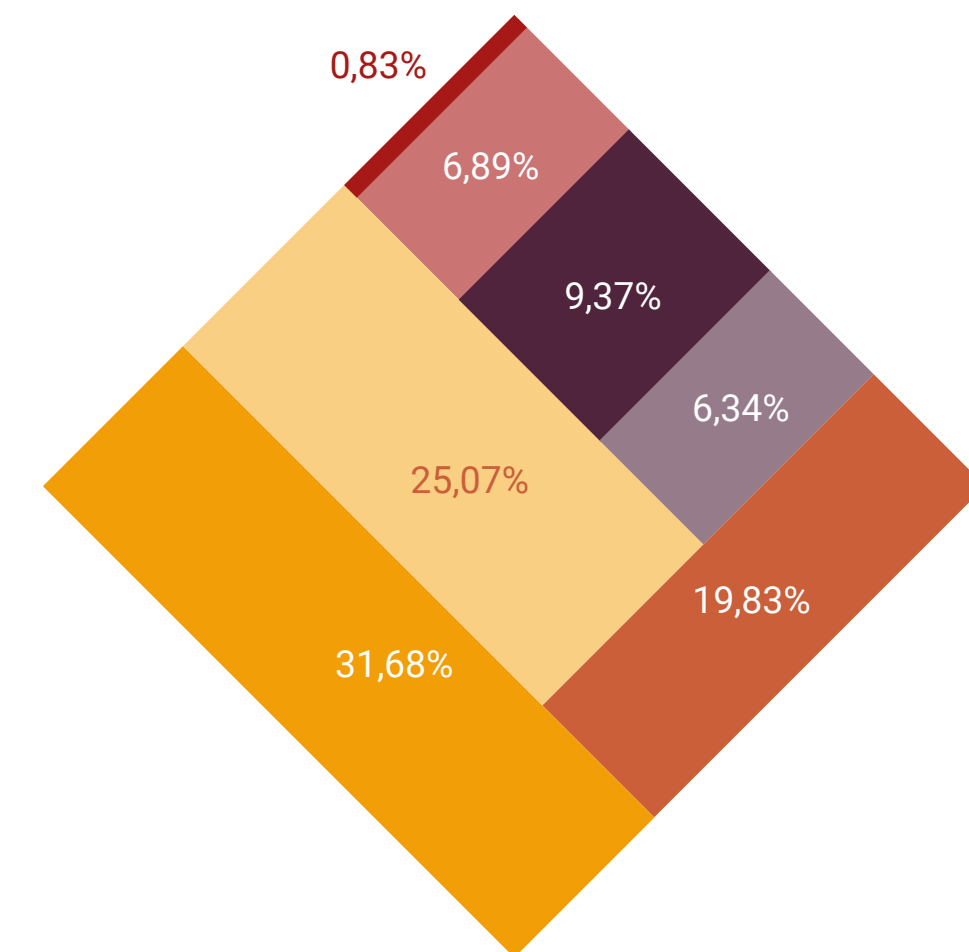
21-30 anos 25,07%

31-40 anos 31,68%

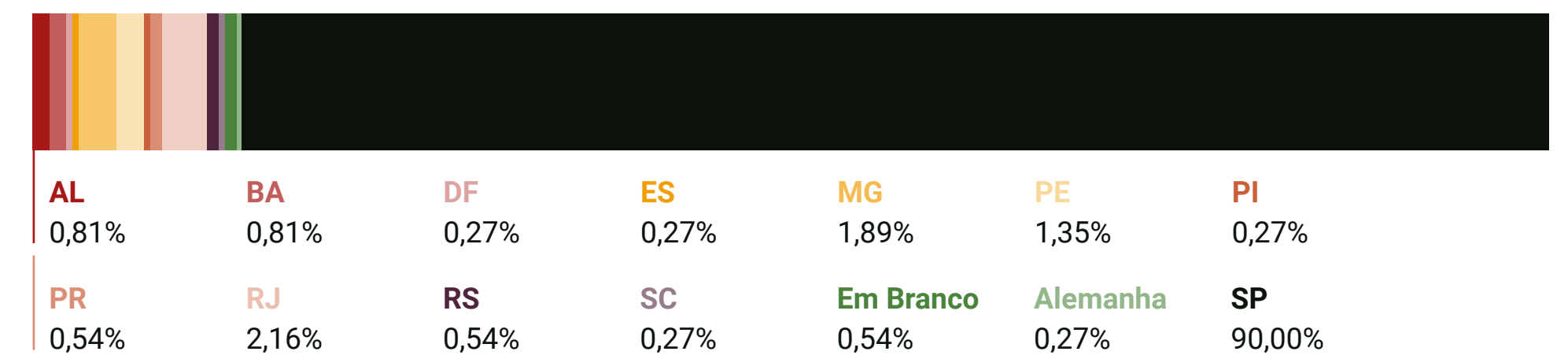
41-50 anos 19,83%

51-60 anos 9,37%

60+ 6,34%



LOCALIDADE





3 / COLHEITA

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



Com pouco mais de um ano de existência, a atuação do Museu já apresenta resultados em diversas dimensões.

Na formação de seu Conselho, na contribuição para a educação intercultural, na visibilidade das culturas dos povos indígenas em São Paulo, na formação de professores, na realização de exposições e oficinas com a participação de milhares de visitantes e na relação com a grande imprensa, com o objetivo de mobilizar a sociedade a se aliar à defesa dos direitos e das culturas indígenas.

PAPEL EDUCATIVO E SOCIAL

A contra-colonização do ensino é fundamental para que possamos nos desprender de uma lógica de pensamento não indígena hegemônico, que não considera a pluralidade e suas diferentes perspectivas sobre a realidade. Contemplar vozes e experiências diversas é uma forma de preencher as fendas da história com as memórias indígenas, como meio de trazer à luz outras interpretações e percepções sobre os processos coloniais, no caminho de resgate dos princípios da dignidade humana e seus direitos.

A compreensão da existência de diferentes perspectivas sobre a realidade colabora para o enfrentamento de preconceitos e para o combate ao racismo. Nessa luta, as vozes indígenas em instituições educativas são essenciais, assim como na elaboração de programas escolares que questionem as narrativas históricas ocidentais e contemplem diferentes pontos de vista e interpretações.

O **Núcleo de Transformação e Saberes (NUTRAS)** tem entre seus objetivos a formação de educadores. Para isso, realiza o “Encontro de Educadores: Temáticas Indígenas na Educação” ministrado pelos Mestres de Saberes. O ciclo oferece oficinas e atividades voltadas à abordagem das temáticas indígenas em escolas ou demais espaços, em consonância com a Lei nº 11.645/2008, e orientações para visita ao Museu. As atividades são gratuitas, mediante inscrição prévia, com até 40 vagas.

Ao longo de 2023, o Encontro de Educadores aconteceu com frequência mensal dividida em duas turmas:
turma 1 – educação infantil
turma 2 – ensino fundamental e médio.

629 educadores atendidos nestas atividades formativas.



APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



FOLHAS, CAMINHOS E PALAVRAS

Temáticas indígenas na educação

Trata-se de um curso de 30h, presencial, para educadores, com a intenção de colocar em discussão visões preconceituosas e estereotipadas formuladas a respeito dos povos indígenas, além de possibilitar a ampliação de repertórios teóricos, de conteúdo e acerca dos saberes de diferentes povos.

O curso se dedica à mesma proposta do MCI: incentivar a criação de espaços que tenham a presença e a voz de comunidades originárias.

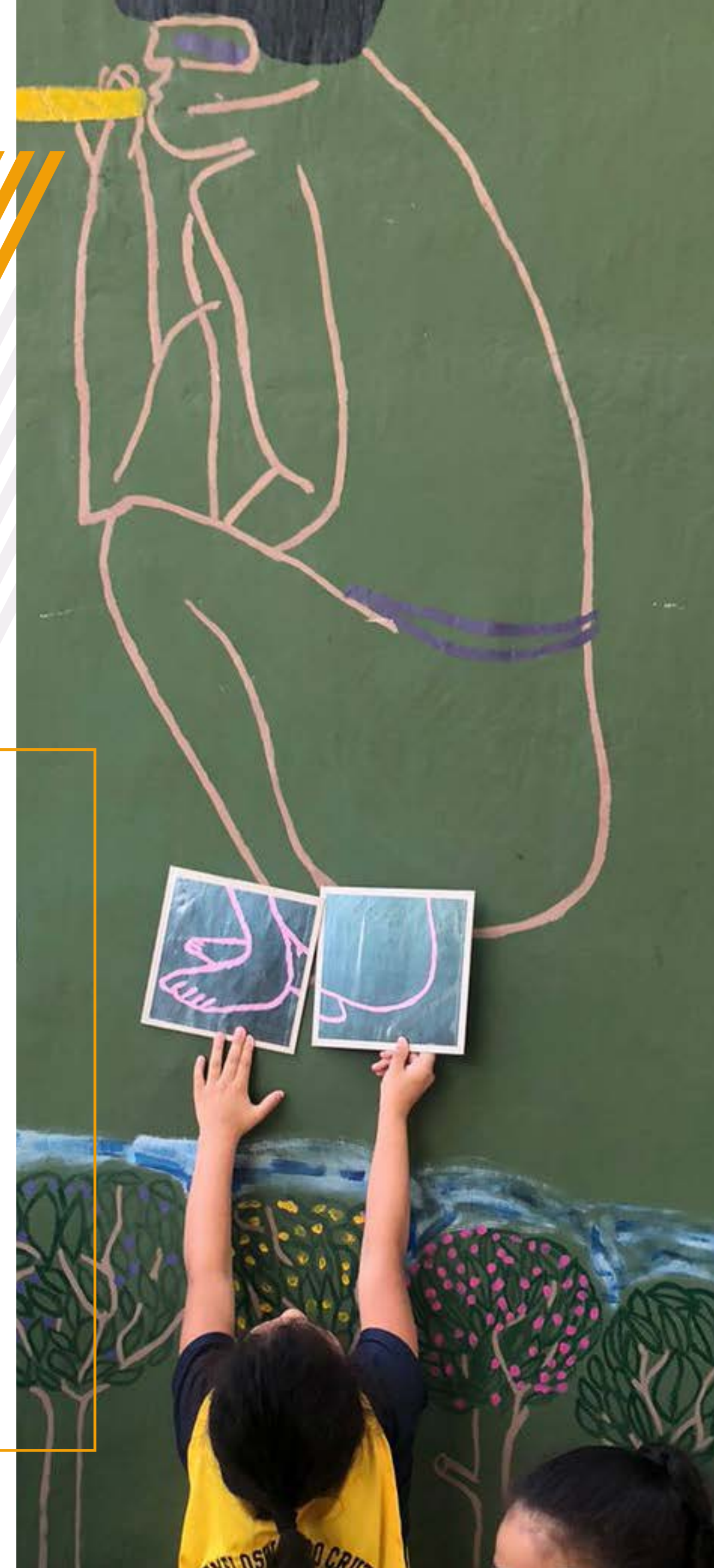
Os participantes são apresentados a estratégias educativas, metodologias e visões do mundo. Todas as aulas são mediadas por educadores(as), lideranças e mestres(as) indígenas e os saberes tradicionais dos diversos povos são compartilhados.

Além disso, o Museu das Culturas Indígenas desenvolve materiais educativos voltados para o uso nos encontros e nas visitas mediadas, assim como nas escolas.

Desse modo, auxilia na percepção de um conjunto de elementos que, ainda hoje, contribuem para a invisibilização dos povos originários. Esse esforço também destaca a existência e resistência desses povos em São Paulo e no país, relacionando aspectos de luta e preservação cultural. O Museu é esse espaço de atividades que fomentam o diálogo intercultural e proporcionam conforto e representatividade aos indígenas.



Um novo projeto, aprovado pelo IPHAN, tem como objetivo criar espaços de trocas para que comunidades indígenas no estado de São Paulo possam colaborar na apropriação dos conceitos que circulam na área de estudos e políticas públicas de preservação do patrimônio cultural e contribuir para a área com suas próprias referências e métodos.



APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



PERFIL DOS PARTICIPANTES DAS ATIVIDADES FORMATIVAS

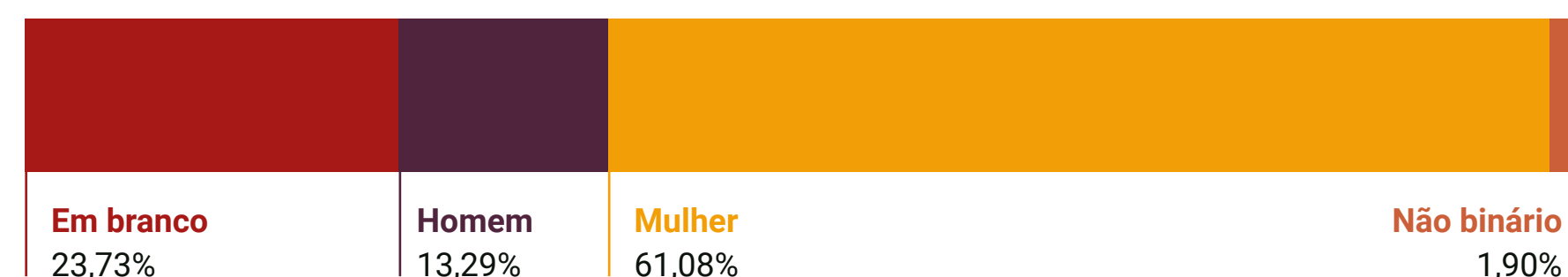
Nº de participantes: 500 pessoas em média, no total de toda as edições



Com qual gênero você se identifica?

NOME DA ATIVIDADE	GÊNERO			
	EM BRANCO	HOMEM	MULHER	NÃO BINÁRIO
Curso Folhas, Caminhos e Palavras: Temáticas Indígenas na Educação	86,11%	1,39%	12,50%	-
Encontro com Educadores: temáticas indígenas na educação (Fund. + Médio)	11,54%	7,69%	80,77%	-
Encontro com Educadores: temáticas indígenas na educação (Infantil)	5,13%	-	92,31%	2,56%
Formação de Professores: Temáticas indígenas na educação	4,47%	21,79%	70,95%	2,79%

TOTAL



Estado de residência do público por atividade de formação de educadores:

NOME DA ATIVIDADE	ESTADO					
	MATO GROSSO DO SUL	PARANÁ	RIO DE JANEIRO	RIO GRANDE DO SUL	RONDÔNIA	SÃO PAULO
Curso Folhas, Caminhos e Palavras: Temáticas Indígenas na Educação	-	-	8,33%	-	-	91,67%
Encontro com Educadores: temáticas indígenas na educação (Fund. + Médio)	-	-	-	3,85%	-	96,15%
Encontro com Educadores: temáticas indígenas na educação (Infantil)	-	-	-	-	-	100,00%
Formação de Professores: Temáticas indígenas na educação	0,56%	0,56%	0,56%	0,56%	1,12%	96,65%

TOTAL



Gênero autodeclarado dos participantes por atividade formativa para educadores em pesquisa de perfil de público (estão agrupados em "mulher" tanto as mulheres trans quanto cis e em "Homem" tanto os homens trans quanto cis).

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



DESENVOLVIMENTO E ATIVIDADES FORMATIVAS PARA AS EQUIPES

No Museu das Culturas Indígenas, a prática da formação se inicia na identificação das demandas de aprendizagem pelos diversos públicos externos e pela equipe interna do MCI. São então organizados momentos de trocas e aprofundamento de saberes por meio de seminários, palestras, debates, rodas de conversa, exibição de filmes, vivências, exposições e *performances*.

As atividades de formação voltadas para a equipe interna do Museu visam à sensibilização quanto a algumas temáticas, bem como às trocas entre membros da equipe que cultivam diferentes saberes e qualificação técnica.

Conheça alguns desses cursos:

Formações para ambientes corporativos e combate à discriminação

Voltadas para toda a equipe do Museu, com apoio da SPDM.
10 participantes.

Formação do Núcleo de Transformação e Saberes (NUTRAS-MCI) com o Centro de Pesquisa e Referência (CPR-MCI)

Voltada para os Mestres de Saberes, com a finalidade de desenvolver metodologias de pesquisa, incluindo pesquisas locais com os saberes dos mais velhos.
10 participantes.

Formação em produção de narrativas audiovisuais

Atividade formativa que propôs a produção de narrativas audiovisuais sobre o MCI. Nela, também foi traçado o contato com territórios indígenas no estado de São Paulo e com alguns de seus mestres locais que contribuíram para a construção do Museu. Os vídeos produzidos podem ser [vistos aqui](#).
10 participantes.

Formações para mediação

Voltada para os Mestres de Saberes e estagiários do NUTRAS. Inclui a estruturação da ação educativa no Museu das Culturas Indígenas, por meio de diagnósticos e reuniões de planejamento e estudo sobre públicos; elaboração de roteiros de mediação e visita; organização de pesquisa para construção de repertórios; estratégias e modos de interação dos públicos e obras.
15 participantes.

Formações em acessibilidade

Incluídas na meta de desenvolvimento de um Projeto para o Público com Deficiência, elaborado pelo Programa Educativo, foram realizadas aulas teóricas e práticas com relação à temática das deficiências e transtornos e da multissensorialidade. Com a professora Shirley Vilhalva, foram realizados encontros formativos voltados especialmente para as línguas de sinais brasileira e indígenas.
15 participantes.

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



SEMENTES

Prêmio Darcy Ribeiro

A ACAM Portinari recebeu o Prêmio Darcy Ribeiro edição de 2023, concedido pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). A distinção reconhece boas práticas de educação museal desenvolvidas no Brasil, conforme os princípios e diretrizes da Política Nacional de Educação Museal (PNEM). O prêmio é um reconhecimento aos programas, projetos e atividades educativas e culturais realizados por três museus da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Governo do Estado de São Paulo administrados pela ACAM, entre eles o Museu das Culturas Indígenas.



APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA

Projetos

IPHAN Edital – Convênio:

Educação Patrimonial e Culturas Indígenas – uma construção dialógica
R\$ 250.000,00

IBRAM Edital – Prêmio

Programa de Educação Museal ACAM Portinari de Redução das Desigualdades
R\$ 40.000,00

Projetos incentivados disponíveis para captação via renúncia fiscal

- » PRONAC – Ações Educativas
230.004
R\$ 727.861,59
- » PRONAC – Plano Anual de Atividades 2024: Museu das Culturas Indígenas e Museu Histórico Pedagógico Índia Vanuíre
235.051
R\$ 2.954.983,72



Apresentação de Dança - **Xondaros** do Litoral Sul de São Paulo.



SONHOS

A TAVA, Casa de Transformação, como foi nomeado o Museu das Culturas Indígenas, surge por meio da luta dos povos indígenas do estado de São Paulo, mas principalmente a partir de um sonho: a possibilidade de reeducar a sociedade paulista e brasileira. Reeducar no sentido de mostrar para todos a importância de se conhecer a história de nosso território, a Nhe'ery – Mata Atlântica, e cultivar o respeito, a empatia e o compromisso ético no coração e na mente dos humanos.

São Paulo é Terra Indígena. Assim, começamos demarcando um território com nossas artes e espiritualidades. E a partir das possibilidades desse reconhecimento, despertamos a memória de muitos ancestrais que lutaram, rezaram e já partiram para a Terra Sem Males, em busca desse sonho.

O território da Nhe'ery – Mata Atlântica, foi a primeira floresta explorada e desrespeitada ao longo da história. Por isso, reafirmamos, com a criação do Museu das Culturas indígenas, a importância de se conhecer esse território e os povos que nele habitam, pois eles continuam a cuidar e manejar esse bioma até hoje, estando

presentes no pouco que resta de Mata Atlântica no território paulista. É por essas existências e resistências que existe a produção de água, a preservação da biodiversidade e o equilíbrio climático para a região.

Reeducar é transformar e cultivar sementes que possam transformar o futuro de nossas crianças e jovens. É mostrar para eles a importância de uma mobilização social efetiva para aprender e difundir princípios e valores ancestrais dos povos indígenas. Para que possamos ter uma melhor relação entre as diferenças, as palavras de ensinamento e cuidados mútuos são ferramentas de respeito a si mesmos, uns aos outros e ao próprio planeta e, assim, garantir o bem-viver nos territórios e nas cidades.

Partimos desse sonho e assim seguimos com o som dos nossos maracás, com as boas e belas palavras dos nossos anciãos, com cantos e rezas sagradas impulsionando e criando pontes entre os mundos para espalhar o respeito e o verdadeiro entendimento de nossas histórias.

Aguyjevete!
Saúdo às divindades!



APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



FICHA TÉCNICA

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Tarcísio Gomes de Freitas
Governador

Felício Ramuth
Vice-Governador

Marília Marton
Secretária da Cultura, Economia e Indústria Criativas

Marcelo Assis
Secretário Executivo da Cultura, Economia e Indústria Criativas

Daniel Scheiblich Rodrigues
Chefe de Gabinete da Cultura, Economia e Indústria Criativas

Karina Santiago
Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico

Sofia Gonzalez
Diretora do Grupo Técnico de Coordenação do Sistema Estadual de Museus

Mirian Midori Peres Yagui
Diretora do Grupo de Preservação do Patrimônio Museológico

Regiane Lima Justino
Diretora do Núcleo de Apoio Administrativo

Equipe Técnica da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico

Angelita Soraia Fantagussi
Dayane Rosalina Ribeiro
Eleonora Maria Fincato Fleury
Kelly Rizzo Toledo Cunegundes
Luana Gonçalves Viera da Silva
Marcia Pisaneschi Sorrentino
Marcos Antônio Nogueira da Silva
Roberta Martins Silva
Tayna da Silva Rios
Thiago Brandão Xavier

ACAM PORTINARI ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA

Sérgio Roberto Urbano
Presidente do Conselho Administrativo

Angelica Fabbri
Diretora Executiva

Luiz Antonio Bergamo
Diretor Administrativo Financeiro

INSTITUTO MARACÁ

Sócios Fundadores

Ailton Krenak
Carlos Papá
Cristine Takuá
Adriana Calabi
Augusto Canani

Diretoras

Adriana Calabi
Cristine Takuá

Conselheiros

Davi Kopenawa
Siã Huni Kuin
Sandra Benites
Anna Dantes

Núcleo Administrativo, Executivo e Financeiro

Isabela Zangrossi | Assistente Executiva e Produtora
Kátia Lazarini | Assistente Executiva e Produtora
Geisa Rodrigues | Analista Financeira
Andréia Duarte | Coordenação Curatorial
Luara Ferreira | Estagiária

APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA



Crédito: Fábio Alt



MUSEU DAS CULTURAS INDÍGENAS – SÃO PAULO

Davidson Panis Kaseker

Gerente de Unidade

Núcleo de Comunicação

Débora Roque Fiolato | Coordenadora de Comunicação

Leandro Karaí Mirim Pires Gonçalves | Supervisor de Comunicação

Amanda Serafim Pankararu | Assistente de Comunicação

Kauane Jacinta Silva | Estagiária

Núcleo de Desenvolvimento Institucional

Priscila Nicácio | Supervisora de Desenvolvimento Institucional

Benizia Granjeiro da Silva | Estagiária

Núcleo de Exposições e Programação Cultural

Clarice Josivânia da Silva | Supervisora de Projetos Culturais e Programação

Mateus Marques Tozelli | Assistente de Programação

Luisa Gomes da Mota de Souza | Assistente de Programação

Núcleo de Pesquisa e Referência

Camila Gauditano de Cerqueira | Supervisora do Centro de Pesquisa e Referência

Cecília Gonçalves Gobbis | Pesquisadora Documentalista

Ana Paula dos Santos Salvat | Assistente de Acervo

Charles Henrique Silva dos Santos | Estagiário

Núcleo de Transformação e Saberes – Nutras

Ana Carolina Estrela da Costa | Supervisora

Ana Carolina Gomes Beserra da Silva | Assistente de Formação

Leticia Yumi Shimoda | Assistente de Formação

Cecília Brancher de Oliveira | Educadora

Claudio Fernando da Silva Branco | Mestre dos Saberes

Ediele da Silva Nascimento | Mestra dos Saberes

Francisco Célio Tavares | Mestre dos Saberes

Kawakani Mehinako | Mestra dos Saberes

Natalicio Karaí de Souza | Mestre dos Saberes

Sonia Ara Mirim | Mestra dos Saberes

Wagner Tserenhõõ Tseredzawê | Mestre dos Saberes

Weksilania Máximo Alves | Mestra dos Saberes

Yriwana Teluira Karajá | Mestre dos Saberes

Isaias dos Anjos Borja | Estagiário

Jeronimo Becheroni Perez | Estagiário

Julia Mendes Feitosa | Estagiária

Paula Guajajara Siqueira | Estagiária

Rafaela Renata Alves de Souza | Estagiária

Samara Cristina Pará Mirim de Oliveira | Estagiária

Núcleo de Administração

Denise Vieira dos Santos | Assistente Administrativo

Thais Soares Nobrega | Assistente Administrativo

Elzeni Costa Barreto | Estagiária

Núcleo de Infraestrutura e Operações

Hugo Reis Ribas | Supervisor de Manutenção e *Facilites*

Gilson Militão de Souza | Oficial de Manutenção Predial

Diego Ferreira da Cruz | Ajudante de Manutenção

Jonatan Silva de Almeida Junior | Estagiário

CONTEÚDO, CONSULTORIA E DESIGN Juntos Approach Comunicação

Ana Beatriz Magalhães | Estagiária de conteúdo

André Yoshikawa | Designer

Anna Fischer | PMO Sênior

Ingrid Barbedo | Designer

Juliana Rodrigues | Designer

Karen Suemi | Designer

Karina Rhode | Gerente de criação

Larissa Ohikawa | Coordenadora de Consultoria

Laura Toledo | PMO Júnior

Marcelo Vieira | Diretor de Sustentabilidade

Patricia Dodsworth | Coordenadora de criação

Patricia Fiasca | Coordenadora de Conteúdo

Pedro Moura | Assistente de Consultoria

REVISÃO

Catalisando Conteúdo



APRESENTAÇÃO

CONVERSA COM
CONSELHEIROS

DESTAQUES DO ANO

1 / A CASA DA
TRANSFORMAÇÃO

2 / SABERES

3 / COLHEITA

FICHA TÉCNICA

